



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO CIÊNCIAS EXATAS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-ESPANHOL**

Emerson Cordeiro de Lima

**A TRANSGRESSÃO AOS VALORES FAMILIARES E SOCIAIS
COMO AUTOCONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA ANDREA DO
ROMANCE "NADA" DE CARMEN LAFORET**

**MONTEIRO – PB
2013**

EMERSON CORDEIRO DE LIMA

**A TRANSGRESSÃO AOS VALORES FAMILIARES E SOCIAIS
COMO AUTOCONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA ANDREA DO
ROMANCE "NADA" DE CARMEN LAFORET**

Monografia apresentada ao Curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras-Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Elda Firmo Braga

MONTEIRO – PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL – CAMPUS VI

L732 t Lima, Emerson Cordeiro de .
A Transgressão aos valores familiares e sociais como autoconstrução da protagonista Andrea do romance \"Nada\" de Carmen Laforet [Manuscrito] / por Emerson Cordeiro de Lima. – 2013.
71 f.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Letras com Hab. em Língua Espanhola) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2013.
“Orientação: Profa. Dra. Elda Firmo Braga , Departamento de Letras”.
1. Autoconstrução . 2. Repressão. 3. Subversão . I.
Título.
21.ed. CDD 860

**A TRANSGRESSÃO AOS VALORES FAMILIARES E SOCIAIS
COMO AUTOCONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA ANDREA DO
ROMANCE "NADA" DE CARMEN LAFORET**

Monografia apresentada ao Curso de
Letras-Espanhol da Universidade
Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para
obtenção do grau de licenciado em
Letras-Espanhol.

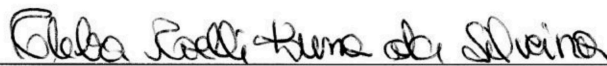
Aprovada em 27/08/2013.



Profa. Dra. Elda Firmo Braga / UERJ
Orientadora



Profa. Dra. Cristina Bongestab / UEPB
Examinadora



Profa. Dra. Gleba Coelli Luna da Silveira / IFRN
Examinadora

Profa. Ana Caroline Pereira da Silva
Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha rainha e protetora, amiga, companheira, batalhadora, incentivadora de persistir e perpetuar nos meus estudos e progressos da vida. Por essa razão ofereço este meu mérito a minha mãe Terezinha Bezerra de Lima. Amo-a por tudo. Dedico também a meu pai Edmundo por ter participado de minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela força e perseverança concedida em minhas orações pela conclusão deste trabalho, que significa mais uma importante etapa vencida em minha vida nesse longo período de estudo e de produção de meu trabalho de conclusão. Agradeço de modo especial a minha orientadora Elda Firmo Braga, por ter me concedido parte de seu tempo. Também quero registrar a presença de todos os meus companheiros de caminhada durante esses quatro anos e meio, de modo bastante particular as minhas amigas Maria José Brito e Jandirene Tibúrcio.

*Donec eris felix, multo numerabis amicos,
Tempora si fuerint nubila, solus eris.*
(Catão)

*Quando és feliz tens muitos amigos;
Em tempos nublados, ficas só.*
(Catão)

RESUMO

LIMA, Emerson Cordeiro de. *A transgressão aos valores familiares e sociais como autoconstrução da protagonista Andrea do romance "Nada" de Carmen Laforet*. Monografia (Graduação em Letras/Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2013.

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de transgressão aos valores familiares e sociais na autoconstrução da protagonista Andrea do romance “Nada” (1945), escrito por Carmen Laforet, em um contexto de submissão imposto às mulheres. Pretendemos observar, em nosso estudo, como o contexto social da obra analisada influenciou na construção da personagem subversiva ao modelo feminino imposto pelo regime franquista após a guerra civil espanhola, que resgatava valores para suas mulheres do século XVII. Acrescentamos ao nosso estudo considerações acerca da repressão à mulher e a censura em relação à sua escrita nos anos 40 do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Autoconstrução. Repressão. Subversão.

RESUMEN

LIMA, Emerson Cordeiro de. *A transgressão aos valores familiares e sociais como autoconstrução da protagonista Andrea do romance "Nada" de Carmen Laforet*. Monografia (Graduação em Letras/Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2013.

El objetivo de este trabajo es analizar el proceso de transgresión a los valores familiares y sociales en la autoconstrucción de la protagonista Andrea en la novela "Nada" (1945), escrito por Carmen Laforet, en un contexto de sumisión impuesto a las mujeres. Pretendemos observar, en nuestro estudio, como el contexto social de la obra analizada influyó en la construcción del personaje subversivo al modelo femenino impuesto por el régimen franquista después de la guerra civil española, en la cual recoge valores para sus mujeres del siglo XVII. Añadiremos al nuestro estudio consideraciones acerca de la represión de la mujer y la censura en relación a su escrita en los años 40 del siglo XX.

PALABRAS-CLAVE: Autoconstrucción. Represión. Subversión.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Contextualização histórica	13
2. A condição feminina na Espanha nos anos 40 do século XX	27
3. A escrita de autoria feminina	32
4. Estudo da personagem de ficção	38
4.1 As principais personagens da obra	43
4.2 A construção de Andrea	46
4.3 A subversão de Andrea ao modelo de conduta feminina imposta na década de 40 na Espanha	55
4.4 Conflito entre Andrea e seus familiares	58
4.4.1 Andrea e Angustias	58
4.4.2 Andrea e Román	62
4.4.3 Andrea e Juan	64
Considerações finais	66
Referências bibliográficas	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como *corpus* de análise o romance “Nada” escrito por Carmen Laforet, que ganhou o prêmio Nadal pela publicação desta obra. A autora apresenta nesta narrativa os aspectos de destruição e de miséria na qual se encontrava a Espanha após sua Guerra Civil nos anos 40 do século XX.

A escritora nasceu em Barcelona no ano de 1921, e aos dois anos de idade foi residir nas ilhas Canarias até seus dezoitos, quando regressa à sua cidade natal para seguir carreira nos cursos de Filosofia e Letras, e Direito, mas não chega a concluí-los. Não satisfeita por não ter terminado seus estudos, vai para Madri, conhece o jornalista¹ Manuel Cerezales, e este lhe anima a seguir carreira como escritora. Sendo assim, Laforet escreve seu primeiro romance intitulado “Nada”.

“Nada” é uma obra escrita por uma mulher em um contexto excludente da participação de seu gênero. A partir de valores resgatados do século XVII, período marcado pela inquisição, a presença feminina era vinculada quase que exclusivamente ao ambiente doméstico. Em seu livro, a autora cria uma personagem que não aceita de maneira alienada, como muitas mulheres de sua época, as normas estabelecidas, subvertendo valores difundidos e impostos naquele contexto sócio histórico.

Andrea é uma jovem nascida e criada em um povoado. Durante a sua infância, nos períodos de férias escolares, visitava seus avós maternos e seus tios em Barcelona. Após a morte de seus pais, passou a viver e estudar num colégio de freiras, em seu povoado, durante boa parte da Guerra Civil na Espanha. Ao término do ensino médio foi viver com uma de suas primas da família de seu pai, perdendo assim contato direto com seus familiares maternos.

¹ Jornalista.

Com o desejo de cursar Letras e viver em uma cidade grande, Andrea vai viver com os seus familiares maternos em Barcelona, cidade na qual a protagonista possui grandes recordações por conta das visitas que fazia a seus avôs durante a sua infância, em uma etapa anterior à guerra civil espanhola. Essas recordações se contrastam com a Barcelona que a jovem se depara no momento em que chega a esta cidade. Encontra a região destruída e esta destruição do espaço citadino se estende e se reflete dentro da casa de

Ao chegar à casa de sua família, localizada na Rua de Aribau, Andrea se depara com a deterioração de um ambiente que está sujo, desorganizado e destruído e com pessoas e animais degradados. Esta primeira impressão leva a jovem a perceber que sua vida em Barcelona não seria como ela havia imaginado. No entanto, a jovem vive em Barcelona por um ano, mas não se deixava contagiar totalmente pela negatividade que ela encontrava em casa e/ou fora dela ao caminhar pelas ruas.

Nos primeiros meses após a sua chegada a Barcelona, a protagonista inicia seu processo de autoconstrução, pois a realidade em que o país se encontrava não condizia com seus anseios e suas fugas para passeios contrariavam os desejos de ensinamentos impostos por sua tia Angustias, símbolo – aparentemente – da moral e dos preceitos políticos-religiosos da “*españolidad*” difundida na Espanha franquista. E através de seus relatos ela revela que seus atos, por serem subversivos, perturbavam sua tia e seu tio Juan.

Ao observar os relatos pessoais apresentados por Andrea, narradora-protagonista, revela-se como transgressão ao modelo de comportamento feminino difundido no período que compreende o pós-guerra civil. Por essa razão, temos escopo de estudo a autoconstrução da personagem Andrea que, por um lado, anseia a liberdade e, por outro, seria obrigada a aceitar as circunstâncias de repressão e um modelo de conduta totalmente alheio à sua vontade.

Dentre todas as possíveis leituras realizadas na obra podem-se levantar questionamentos acerca da subversão empreendida por Andrea ao modelo de mulher imposto por sua tia Angustias na autoconstrução da feminilidade de

Andrea baseada nos modelos propostos na época do pós-guerra civil espanhola.

Nossa hipótese formulada, inicialmente, é de que Andrea não segue tais padrões defendidos e propagados pelo governo franquista e impostos por sua tia, e sua relação com as demais personagens se apresenta de modo gradativos no que diz respeito ao processo de autoconsciência de feminilidade que vai se confrontando de forma progressiva e linear dentro da narrativa com os modelos propostos pela sociedade e, conseqüentemente, por sua tia, mantendo nosso foco principal na reflexão acerca de como a personagem principal constrói, de maneira subversiva, uma imagem do modelo feminino diferente dos modelo imposto socialmente.

Para chegar ao objetivo principal de reflexão acerca da autoconstrução da personagem, realizou-se no primeiro capítulo uma contextualização histórica, a partir dos estudos de Alvaréz (2005), Abraão (2010), entre outros, que relatam as possíveis causas que levaram ao desenvolvimento da Guerra civil como a ditadura de Primo de Rivera (1923-1931), que era contrário a I República (1902-1931), mas apoiado por Alfonso XIII. Com a renúncia do ditador se implanta a II República (1931-1936), gera o conflito entre republicanos e nacionalistas. Com vitória deste último grupo, se inicia a era franquista (1936-1975) caracterizada pela difusão de ideologias no período histórico em a obra é retratada.

O segundo capítulo reflete acerca da condição feminina nos anos 40, sobre os retrocessos nos direitos civis alcançados pelas mulheres, e o modelo de conduta que era apreciado na época franquista. Para que possa chegar a um estudo reflexivo sobre tais aspectos contaremos como aporte teórico os estudos de Gaité (1987) e Fuentes (2012), entre outros.

No terceiro capítulo, far-se-á um recorrido sobre as questões relacionadas à escrita feminina, que foi, durante muitos séculos, preterida pelo universo literário, por se tratar de mulheres com o domínio das ciências que outrora era caracterizada como de cunho puramente masculino. Este capítulo terá como suporte teórico os estudos feitos por Rodrigues (1997) e Gaité (1987), e aborda os estudos feministas empreitados desde o século XX pela classe literária feminina que já começa a ganhar um pouco de espaço no

campo da literatura, com o intuito de nos primeiros momentos resgatar nomes de autoras de séculos passados que foram esquecidas ou utilizaram de pseudônimos para publicarem suas obras. Já em um segundo momento dos estudos empreendidos pelas feministas, elas analisam as condições e as maneiras que as mulheres são apresentadas nas obras literárias.

No quarto capítulo, será realizado um estudo sobre as personagens que vivenciam o enredo das obras, baseados nos estudos de Brait (1985) e Candido (1970), com o objetivo de analisar a representação da subversão de Andrea aos padrões feminina impostos por sua tia, e como essas subversões vão ajudando a protagonista a se autoconstruir.

1 Contextualização histórica

Abordaremos, neste capítulo, aspectos históricos referentes à Espanha do Pós-Guerra Civil e mostraremos alguns antecedentes que favoreceram a deflagração desta guerra interna. Em seu percurso histórico, entre os séculos XV e XVII, o continente europeu apresenta várias mudanças em sua economia, pois com a expansão marítima desenvolvida em meados do século XV, e com objetivos de sanar a crise econômica presente em muitos países europeus, o avanço marítimo mostra uma abertura do mercado comercial a outros países e continentes; até mesmo colonização de outros territórios.

Alguns países europeus passaram pelo desenvolvimento industrial no início do século XIX, entre eles se encontram a Inglaterra, França, Itália e Espanha, sendo que o desenvolvimento industrial não era uniforme em cada país.

A Espanha, no final do século XIX, era regida pelo poder monárquico, o rei assumia o papel de chefe de Estado e, com o pequeno desenvolvimento industrial que ocorreu no país surgem novos conflitos sociais e o poder vigente não consegue encontrar facilmente soluções para a crise que atingia o país. Uma das saídas encontradas pelos governantes foi transformar o regime até então monárquico em uma monarquia constitucional, descentralizando o poder regente das mãos do rei, passando a representantes eleitos pelo povo espanhol por meio do voto direto, ou melhor, através de voto manipulado conhecido como caciquismo².

Apesar de haver uma votação para escolha de seus representantes, o rei figurava como figura principal do novo regime, mas não executava amplamente seu poder no país. Esse modelo político-institucional foi denominado Primeira República Espanhola.

² s.m. Bras. Atitudes violentas ou arbitrárias de certos chefes políticos denominados pejorativamente caciques. (Curso de Bacharelado 6, p.23)

A primeira República teve início durante o reinado de Alfonso XIII de Borbón (1886-1941), que, por ser menor de idade, governou regido por sua mãe até 1902, ano em que completou 18 anos e continuou no trono até 1931.

O novo regime era bipartidista, Antonio Maura estava à frente do Partido Conservador juntamente com Francisco Sivela, e José Canalejas lideravam o Partido Liberal.

A monarquia constitucional propunha mudanças baseadas nas ideias de restauração de Antonio Maura, cuja defesa era a de que as reformas deveriam ser feitas de cima para baixo, ou seja, realizadas primeiramente pelos governantes para assim poderem atingir os objetivos reformistas.

O sistema regencial era caracterizado por *turnismos*, alternando entre partidos conservadores e liberais. Os candidatos eram eleitos por meio de votação do sufrágio masculino – só os homens podiam votar. Cada grupo político governava o país por um período de dois anos, em seguida era sucedido pelo partido oposto.

Para que um partido pudesse chegar ao poder era preciso obter de 30 a 40% dos votos, os resultados geralmente eram manipulados pelos participantes de cada grupo, e especialmente pelos patrões que manipulavam o voto de seus empregados.

Outros grupos políticos como os socialistas, anarquistas e os nacionalistas catalães não aceitavam as reformas governamentais, pois entendiam que as leis elaboradas não atendiam às verdadeiras necessidades do país.

O sistema bipartidário começou a desmoronar nas principais cidades espanholas como Madri, Valencia, Barcelona e Bilbao entre 1934 e 1935, pois além do caciquismo que manipulava os votos, eram eleitos deputados que não pertenciam aos dois principais partidos.

Com o crescimento das tensões políticas e sociais o rei Alfonso XIII elaborou, em conjunto com seus conselheiros, uma constituição com o intuito de atenuar problemas relacionados à má distribuição de terras e os conflitos trabalhistas, entre outros.

O novo regime, que vai de 1903 á 1907, pode ser dividido em duas fases: movimento restaurativo e movimento liberal.

O movimento restaurativo possuiu um caráter mais conservador e apresentou poucas propostas para Nova Constituição. Enquanto que o movimento liberal apresentou e conseguiu aprovar avanços significativos, como o sufrágio masculino universal – o que até aquele momento só os membros políticos tinham reservados o direito ao voto –, a proteção da indústria nacional e o instituto previdenciário.

Havia algumas divergências de pensamentos entre os intelectuais espanhóis daquela época. Uns acreditavam na recuperação de valores concernentes à etapa histórica (séculos XVI e XVII) em que a Espanha foi considerada um grande império (possuía terras em todos os continentes conhecidos naquele período), momento visto como passado de glórias no campo político e religioso. Enquanto que outros se opunham ao resgate de um tradicionalismo de outrora e, por sua vez, estavam convictos de que se deveria projetar outra face da Espanha e de seu povo, aquela que não foi privilegiada pela história oficial. Esses foram reunidos em um grupo denominado de *Regeneracionismo*, que contava com personalidades como Miguel de Unamuno, José de Martínéz Ruiz Azorin, Pío Baroja, personalidade que faziam parte da *Generación del noventa y ocho*.

Mesmo com todos os anseios de progresso defendidos pelo regime constitucional, e, todas as reflexões apresentadas pelo *Grupo del 98*, a monarquia bipartidarista não conseguiu frear e controlar as tensões que aumentavam progressivamente durante a implantação das leis reformistas pelo partido de esquerda que se encontrava no regimento do país no período correspondente a 1931-1933.

Três fatos desencadearam a queda da monarquia constitucional: “La Semana Trágica de Barcelona”, “La Huelga General de 1917” e “El problema de Marruecos”.

A semana trágica de Barcelona foi caracterizada pela grande revolta popular nas ruas da cidade e pela queima de conventos e igrejas, deixando muitos conservadores indignados.

A greve geral de 1917, originada pela crise sofrida no mercado de exportação, teve como consequência o surgimento de inúmeras outras greves. Neste contexto, os trabalhadores não contavam com segurança ou apoio do

governo nas exportações e na cobrança de impostos, por conta disso, eram os mais vulneráveis diante da crise.

O problema de Marrocos se originou do desejo da Espanha em manter sua presença em terras africanas, já que se beneficiava da comercialização com Ceuta, Melilla e alguns portos do Golfo de Guiana, porém este domínio sob uma região africana não contribuiu significativamente para elevar Espanha ao *status* de uma potência totalmente desenvolvida comparada à França, Bélgica, Reino Unido, que também possuíam portos na África.

Com a perda do império ultramar – das colônias americanas –, Espanha centrou todos seus esforços no norte da África, mais especificamente na zona de Marrocos. No entanto, houve resistência por parte dos marroquinos e, além disso, a guarda civil espanhola teve de enfrentar ataques franceses durante as etapas de negociações (1909-1912).

As faltas de solução para os problemas econômicos e a desestabilidade social existentes na época contribuíram para o aumento de tensão na Espanha. Esse panorama teve como desdobramento um golpe e, posteriormente, uma ditadura liderada pelo general Miguel Primo de Rivera (1923-1931) e apoiada pelo rei Alfonso XIII.

Cada regime que surgia na Espanha possuía pelo menos dois lados que se situavam como opostos: os liberais eram sensíveis à situação dos proletariados, já os conservadores beneficiavam a burguesia, o exército, os grandes proprietários de terra e a Igreja Católica.

O regime monárquico constitucional promoveu reformas agrárias, considerou os direitos dos proletariados, defendeu a laicização do estado e propôs uma reforma militar. A opção dos constitucionalistas pelos menos favorecidos socialmente gerou um descontentamento da elite espanhola, de militares, de setores religiosos, entre outros.

A modernização estatal realizada pela monarquia constitucional e suas reformas não conseguiram solucionar os problemas socioeconômicos da Espanha, o que levou a população ao descontentamento, bem como contribuiu para queda da I República e, conseqüentemente, para a instauração da ditadura de Primo de Rivera, que com o golpe de estado assume o governo do

país, impondo uma ditadura que freia as reformas que beneficiavam classes trabalhadoras e camponesas.

Entretanto, Primo de Rivera foi pressionado a abdicar de seu posto de chefe de Estado por manifestações que tinham como foco a luta da população trabalhadora pela preservação dos direitos conquistados na Primeira República. A contenção da reforma agrária e operária junto com as reformas militares foi combatida pelos republicanos. Inclusive alguns grupos que inicialmente apoiavam a ditadura passaram a criticar o regime de Primo de Rivera: “Los militares que en los primeros años de la dictadura acogieron con satisfacción la solución dada al conflicto colonial de Marruecos por Primo de Rivera no llegaron nunca a un acuerdo sobre la vieja cuestión pendiente³” (*Curso de Bacharelado* 6, p.26).

Muitas das decisões tomadas por Primo de Rivera foram recusadas por várias pessoas que o apoiaram no início de seu governo quando perceberam a fragilidade do regime diante dos problemas econômicos enfrentados pela Espanha.

Com a renúncia de Rivera os republicanos, por meio de um governo provisório, passaram a controlar os assuntos políticos e econômicos do país até a convocação de uma assembleia para eleger uma Nova Constituição. Dessa forma, a Espanha passa para o comando dos republicanos que, ao conquistarem o poder, tentaram conter a tensão política e social que vinha assolando o país durante vários anos, já que, dependendo do compromisso de cada governo, as reformas implantadas beneficiavam um grupo social em particular em detrimento de outro.

A Nova Constituição implanta uma II República na Espanha e resgata alguns fundamentos da Primeira, tais como: a reforma agrária, a redistribuição de terras dos grandes senhores para os camponeses; o desenvolvimento da economia baseado na relação com o mercado exterior, entre outras medidas.

³ Os militares que nos primeiros anos da ditadura acolheram com satisfação a solução dada ao conflito colonial de Marrocos por Primo de Rivera, não chegaram nunca, a um acordo sobre a velha questão pendente. (*Curso de Bacharelado* 6, p.26).

A II República foi um sistema político que se opôs ao poder monárquico. O país passou a ser comandado pelos republicanos que constituíram um governo provisório até a organização de uma nova eleição presidencial.

La victoria de los candidatos de izquierda o al menos republicanos en casi todas las grandes ciudades españolas persuadió al rey de la conveniencia de abandonar el trono y dejar el país, cosa que hizo el 14 de abril, proclamándose a continuación la II República⁴ (*Curso de Bacharelado* 6, p.28).

Após a renúncia do rei por sugestão de seus oficiais; o grupo de esquerda eleito pelo sufrágio universal nas eleições organizadas pelo governo provisório teve como objetivo principal as reformas agrária, educativa, militar e trabalhista. O desenvolvimento da economia do país estava baseado em importações e exportações de produtos manufaturados. Os republicanos deram apoio aos burgueses e comerciantes, deixando um pouco à margem os setores militares e monárquicos.

A sociedade espanhola ficou dividida em dois grupos com posturas ideológicas diferentes, os nacionalistas, até então conhecidos como mais tradicionais – conservadores que não aceitavam as reformas aprovadas pela maioria no plebiscito –, e os republicanos – que ansiavam por reformas, visando, a partir de sua implantação, o desenvolvimento econômico da Espanha.

As reformas implementadas se estendiam aos mais variados segmentos da sociedade. Uma de suas medidas foi tornar o Estado espanhol mais laico, suspendendo o poder da Igreja Católica nas tomadas de decisões políticas, desapropriando suas terras e abolindo o seu vínculo com a educação, pois se acreditava que a igreja formava indivíduos defensores ferrenhos do fundamentalismo cristão religioso, contrários aos anseios do governo republicano. Todas as reformas foram elaboradas com a finalidade de igualar a Espanha em aspectos econômicos similares a de outros vizinhos europeus.

⁴ A vitória dos candidatos de esquerda, ou ao menos republicanos, em quase todas as grandes cidades espanholas persuadiram o rei da conveniência de abandonar o trono e deixar o país, no qual deixa o país em 14 de abril, proclamando a II República. (*Curso de Bacharelado*, p. 15)

Nessa época, a Espanha teve um grande avanço social e cultural, entre eles o direito à liberdade de expressão individual, ou seja, o livre direito de manifestar visões a respeito da sociedade e do governo vigente, elogiando ou simplesmente criticando-o sem medo de sofrer repressão.

Entre outras medidas, destacamos a participação feminina nas eleições – o sufrágio universal com inclusão das mulheres – a partir de então todas as mulheres passaram a ter direito ao voto; a reforma agrária; e o aumento dos salários e direitos dos trabalhadores.

Porém, por mais que os esforços dos republicanos para as reformas realizadas fossem satisfatórias para alguns, causaram várias polêmicas, como podemos observar em alguns de seus artigos constitucionais:

En su artículo primero se proclamaba un régimen definido como República democrática de trabajadores de toda a clase, basado en la libertad y la justicia, cuyos poderes emanaban del Pueblo.

Una extensa declaración de derechos y libertades aparecía en el Título III del texto.

Las cortes tenían la representación principal de la soberanía popular. De carácter unicameral eran elegidas cada cuatro años y tenían en exclusiva el poder legislativo.

El presidente de la República tenía la condición de jefe del estado y era elegido a cada seis años por los diputados en Cortes y un número igual de compromisarios⁵ (*Curso de Bacharelado* 6, p.29-30).

Espanha estava passando por uma situação precária, pois o país sofreu os efeitos do golpe militar imposto por Miguel Primo de Rivera, que governou a nação entre 1923 e 1930, e da I Guerra Mundial nas primeiras décadas do século XX. Sua economia estava em crise e com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, cresceram ainda mais as tensões internas do país.

⁵ Em seu artigo primeiro se proclamava um regime definido como II República democrática de trabalhadores de toda classe, baseado na liberdade e na justiça, cujos poderes emanavam do povo.

Uma extensa declaração de direitos e libertades aparecia no título III do texto.

As cortes tinham a representação principal da soberania popular. De caráter unicameral eram eleitos a cada quatro anos e detinham o poder legislativo.

O presidente da República tinha a condição do chefe do estado era eleito a cada seis anos pelos deputados em Cortes e um número igual de delegados (*Curso de Bacharelado* 6, p.29-30).

No período da II República, existiam dois tipos de ideários que divergiam em relação às reformas oferecidas e aprovadas pela grande maioria por meio de votação. Certos de que as reformas levariam ao desenvolvimento do país, os republicanos junto com chefes de Estado das comunidades autônomas desejavam a independência de algumas regiões espanholas, como a Catalunha, e colocaram em prática a divisão de Estado em comunidades independentes, descentralizando, desta forma, o poder, que passava de um único grupo para as mãos de vários chefes republicanos, cada um em sua região.

A II República, após a elaboração da Constituição em 1931, passou a ser comandada pelo governo provisório e logo em seguida por governos de modelo *turnista*, caracterizado por biênios. O primeiro biênio considerado mais a esquerda ou como republicano-socialista (1931-1933) e o segundo mais a direita ou como *radical-cedista* (1933-1936).

Com o retorno da esquerda ao controle do governo espanhol após o término do biênio de direita, tentaram-se dar continuidade às reformas propostas no início do governo provisório.

Ao dar uma atenção especial aos trabalhadores urbanos e camponeses, grupos sociais como os donos de terras, de fábricas, os militares, a classe burguesa e a latifundiária se sentiam preteridos pelo governo republicano.

O contexto internacional contribuiu também para o aumento das tensões sociais na Espanha, pois a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929, gerou uma crise financeira não somente nos Estados Unidos, mas em grande parte de Europa, desencadeando o aumento do desemprego em escala mundial e, conseqüentemente, causando o aumento da pobreza nos países afetados por esta crise.

Já o segundo biênio foi comandado por grupos conservadores e de direita, os cedistas e radicais. Com o aumento da resistência da oligarquia espanhola às reformas, os nacionalistas, formados por forças políticas que se opunham aos anseios populares, assumiram o governo e, com isso, a maioria dos avanços foi rechaçada por não agradar aos que faziam parte deste grupo, como os donos de terras e os clérigos:

Las leyes fueron unas veces suspendidas y otras rechazadas. Fue el caso de la cuestión religiosa. La ley de congregaciones no cumplió y se devolvieron los bienes confiscados de las organizaciones eclesiásticas, continuó existiendo la educación religiosa y las Cortes acordaron aprobar presupuesto dedicados al mantenimiento del clero⁶ (*Curso de Bacharelado 6*, p.45).

Em meio a tantas divergências, os nacionalistas, grupo formado por militares, industriais, donos de terras, e principalmente pela igreja, apoiaram ao golpe militar na tentativa de derrubar os republicanos e restituir o regime monárquico, ou melhor, autoritário, como solução para os problemas pretensamente vinculados ao período de democracia no país.

A Guerra Civil Espanhola começou em 17 de julho de 1936. Teve como marco inicial a chegada do general José Sanjurjo Sacanell, que saiu de Portugal com destino à Espanha, mas não chegou a seu destino final. Com a morte deste militar, o controle e desenvolvimento do golpe ficou a cargo do general Francisco Franco.

Com a finalidade de impedir a tentativa dos golpistas de avançarem por importantes cidades espanholas, os republicanos criaram bloqueios armados para frear as tropas nacionalistas comandadas por Franco que tinham como objetivo tomar o controle de Madri, fato que ocorreu somente nos últimos meses do fim dos conflitos armados. Segundo Salvadó “a guerra civil espanhola foi um conflito local, uma tentativa brutal de resolver por meios militares, um grande número de questões sociais e políticas que dividiram os espanhóis por várias gerações” (2008, p.7).

Carneiro ressalta que a Guerra Civil Espanhola tem três problemas principais: os agrários, os regionais e os espirituais:

Desequilíbrios sociais, nos quais se destacam tanto problemas agrários quanto os de caráter urbano, visto que os operários, ainda que em menor quantidade, eram bastante ruidosos e organizados; desequilíbrios regionais, que constituem os nacionalismos basco e catalão, presentes e relevantes ainda nos dias atuais e que não reconhecem o unitarismo espanhol;

⁶ As leis foram muitas vezes suspendidas e outras recusadas. Foi o caso da questão religiosa. A lei de congregações não cumpriu e se devolveram os bens confiscados das organizações eclesiásticas. Continuou existindo a educação religiosa e as Cortes concordaram aprovar pressupostos dedicados a manter o clero (*Curso de Bacharelado 6*, p.45).

e, por fim, os desequilíbrios espirituais, que denotam uma Espanha separada também defensores de um regime monárquico [...] (ABRÃO, 2010, p.1) .

Embora esta guerra tratasse de questões internas, os nacionalistas receberam ajuda de dois países, Alemanha governada por Hitler e Itália por Mussolini, sistemas políticos baseados respectivamente no nazismo e no fascismo, cuja colaboração foi ampla com a campanha de Franco. Os republicanos não obtiveram um apoio tão representativo de governo algum, mas receberam ajuda de pequenos grupos de vários países que foram para as trincheiras para reforçar as brigadas que tentavam impedir que os golpistas avançassem. Entre os solidários à luta dos republicanos estavam muitos artistas e escritores de diversos países europeus e do continente americano.

Os franquistas, que contavam com a adesão dos falangistas – grupo formado no período da ditadura de Primo de Rivera que reunia a maior parte dos burgueses proprietários de indústria e de terra e tinha como objetivo principal apoiar um chefe único de Estado para frear as reformas introduzidas pelos governos republicanos – e com setores do exército, avançaram pouco a pouco e conseguiram vencer a guerra. A crescente adesão da Igreja Católica aos nacionalistas fez com que a guerra recebesse a denominação de *Cruzada de Liberación* contra o comunismo fundamental.

Com a tomada da capital espanhola, o país ficou sob o domínio do regime franquista, que não mediu esforços para implantar uma ditadura duradoura, iniciada na década de 1930 e finalizada na de 1970.

Após a Guerra Civil Espanhola, um regime ditatorial se estabeleceu sob a liderança do general Franco, encabeçando um novo período de tentativas de resolução dos problemas que vinham aumentando a cada novo governo. Jean Touchard e René Rémond consideram o franquismo como: “la consecuencia de una serie de tradiciones intelectuales y políticas y de la mala adaptación de España a la democracia en ciertos momentos claves de su historia”⁷ (*Curso de español, Curso de Bacharelado 6*, p.1).

⁷ A consequência de uma série de tradições intelectuais e políticas e de má adaptação da Espanha a democracia em certos momentos chave de sua história (*Curso de español, Curso de Bacharelado 6*, p.1).

Franco se intitulou como caudilho e se proclamou chefe de Estado e do exército, proibindo todas as formas de expressão que não condissessem com os anseios do regime que instaurou, fato que levou o país a um forte conservadorismo e ao mesmo tempo provocou um atraso intelectual, já que vários intelectuais foram mortos ou tiveram de partir para o exílio por se demonstrarem contrários ao retrocesso político/cultural que ocorria no país.

Uma consequência desse retrocesso foi a repressão que levou vários escritores e artistas ao exílio, dentre esses encontramos Pedro Salinas, Jorge Guillen, Rafael Alberti, Luis Cernuda, Emilio Prado, Pablo Picasso, Salvador Dalí, Luis Buñuel; Federico García Lorca foi assassinado e Antonio Machado morreu de desilusão; já Miguel Unamuno se auto isolou dentro da própria Espanha – uma forma também de exílio – e Miguel Hernández foi detido, ficando preso durante um determinado período.

Com o intuito de frear qualquer tipo de movimento de resistência ao seu regime, Franco promoveu uma série de censura à imprensa, à literatura e seus autores. Como destacamos, vários foram perseguidos e presos por manifestarem, em seus textos, ideias contrárias ao regime franquista, outros foram exilados pelo mesmo motivo. “Nada”, romance de Carmen Laforet, é uma das obras literárias que demonstra a situação do país após a guerra, destruição esta não somente do ambiente físico, mas também do âmbito familiar, pois representa que seus membros, muitas vezes, se mostravam divergentes, nos ideários de país.

Em sua trama a protagonista não aceita as imposições e pensamentos cultivados por sua família e se contrapõe às regras que lhe são impostas. Os valores cultivados por uma parte de sua família se contrapõem ao ideal de liberdade que a protagonista persegue.

No que diz respeito à educação, Franco devolveu a tarefa de educar os espanhóis à Igreja Católica, restituindo seu poder e domínio que outrora foi limitado pelos republicanos.

O franquismo foi dividido por Rémod em quatro fases. A primeira vai desde o fim da Guerra Civil até meados de 1946, período de consolidação da ditadura de Franco, marcado por repressão, exílios e mortes para os que se opunham ao regime franquista; é também o período mais miserável da

população, pois a fome assolava o país – a obra objeto de nosso estudo se situa justamente nesse contexto. A segunda, de 1951 a 1959, compreende a abertura do regime para a busca de auxílio internacional e também a comercialização de produtos industriais da Espanha. A terceira, de 1959 a 1973, é considerada como a etapa do *desarrollismo* espanhol, que significou: “los esfuerzos de los tecnócratas en introducir a España en la senda del desarrollo económico acelerado sin modificar el sistema político de la dictadura⁸” (REZ, 2005, p.188). A quarta, de 1973 a 1975, é marcada pelo início da transição governamental de Franco, por sua debilidade física, a Carlos Arias Navarro, é também o início da queda do franquismo, pois no ano de 1975 o general Francisco Franco falece e o controle total do país passa para Navarro.

Na primeira etapa, ocorreu um acentuado retrocesso dos avanços promovidos e conquistados pelos republicanos, principalmente no tocante ao sufrágio universal e às reformas agrárias e trabalhistas. Além disso, houve ainda uma propagação de valores relacionados a um nacionalismo exacerbado, impondo aos espanhóis um ideal tradicionalista e conservador.

Com o anseio de anular as reformas realizadas pela República, Franco tomou medidas bastante repressoras como: a determinação da existência de um único partido – a falange espanhola – que não possuía poder de decisão; a atribuição de nomear pessoas para cargos de secretários ou representantes de Estado – somente eram indicados aqueles que compartilhavam de sua ideologia. Diante desse cenário,

La difícil situación interior e exterior llevó a una carencia alarmante de productos básicos para el buen funcionamiento de la economía. Gran parte de las existencias fueron rigurosamente controladas por el Estado mediante a la política de intervención directa. El gobierno fijaba las condiciones de consumo de cada persona en cada momento, racionando los productos que estimaba escasos⁹ (*Curso de Bacharelado 7*, p.12).

⁸ Os esforços dos tecnocratas em introduzir a Espanha no caminho do desenvolvimento econômico acelerado sem modificar o sistema político da ditadura (REZ, 2005, p.188).

⁹ A difícil situação interior e exterior levou a uma carência alarmante de produtos básicos para o bom funcionamento da economia. Grande parte das existências foram rigorosamente controladas pelo Estado mediante a política de intervenção direta. O governo fixava as

Partindo do conceito de “*hispanidad*” – baseado no resgate dos ideais de uma Espanha imperialista e atrelado ao catolicismo, período histórico alusivo aos séculos XVI e XVII, época em que o país se autoproclamava dominador de povos – o regime franquista defendia como solução para o problema da economia espanhola transformá-la em uma nação autárquica, ou seja, um país autossuficiente na produção de produtos manufaturados, que eram exportados.

Contudo, em meio à crise econômica mundial, a queda na economia espanhola gerou o aumento de desemprego, da fome e do racionamento de alimentos básicos para a sobrevivência humana, caracterizando-se como uma das épocas mais pobres do país. Em meio à escassez de alimentos surge uma forma de comércio ilegal conhecida como *estrapelo*, que era o recebimento de dinheiro ilegal por Alejandro Lerroux García, governante do partido liberal, essa palavra foi designada como “mercado negro”, comércio ilegal de produtos que figuravam ou não na cartilha de racionamentos.

Franco almejava transformar a Espanha em um país forte e soberano economicamente, ou seja, em uma nação que pudesse desenvolver sua riqueza internamente com o turismo e com as vendas dos produtos industrializados produzidos internamente.

No início da ditadura franquista, os Estados Unidos e seus aliados não incluíram a Espanha em suas relações comerciais. Além disso, o sistema político espanhol vigente na época foi criticado pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) por se tratar de um regime repressor.

A segunda fase do regime franquista se caracteriza por sua abertura às relações econômicas com outros países, e pela concessão de empréstimo oferecido pelos Estados Unidos. Este crédito soluciona relativamente o problema da fome e, com isso, em 1952, a cartilha de suprimentos de primeira necessidade perde a sua função e deixa de existir. No entanto, o país não tinha condições de promover a sua indústria, fato que impediu o pleno desenvolvimento da economia espanhola.

condições de consumo de cada pessoa em cada momento, racionando os produtos que estavam escassos (*Curso de Bacharelado 7*, p.12).

O historiador Rémod especifica dois fatores que impediram o regime franquista de alcançar o desenvolvimento da economia e de transformar a Espanha, naquele momento, em uma nação autárquica:

Por una parte, por la imposibilidad de seguir alimentando a la industria prescindiendo de los productos extranjeros necesarios, dado que la primera ayuda americana no había podido sacar al sector industrial de la situación atravesaba hacia tiempo¹⁰.

Por otra parte, por la precariedad y el atraso relativo de la base agrícola e industrial de España que podía prescindir de la importación de maquinaria si quería alcanzar el objetivo de modernizar y racionalizar sus equipos (*Curso de Bacharelado 7*, p.14).

A pobreza que assolava a Espanha impedia o país de desenvolver sua industrialização, como observa Rémod:

Todo esto condenaba a España a una situación de desequilibrio un déficit crónico en el comercio internacional: España debía importar más para lograr su industrialización y era imposible, dada la pobreza de su producción, ampliar el volumen de las importaciones como factor compensatorio en la balanza comercial¹¹ (*Curso de Bacharelado 7*, p.14).

A terceira fase franquista é caracterizada pelo conceito de “*desarrollismo*” que representa o apogeu do regime por se caracterizar como um período de prosperidade e avanço econômicos, industrial e urbano, obtidos com o desenvolvimento do mercado comercial interno e externo.

A quarta fase corresponde à época de crise do regime e também é marcada pelo fim deste ciclo histórico. A morte de Franco, em 1975, encerra o longo período franquista.

¹⁰ Por uma parte, pela impossibilidade de seguir alimentando a indústria independentemente dos produtos estrangeiros necessários, dado que a primeira ajuda americana não retirou o setor industrial da situação atravessada há tempos. Por outra parte, pela precariedade e o atraso relativo à base agrícola e industrial da Espanha que podia independe da importação de maquinaria se caso quisesse alcançar o objetivo de modernizar e racionalizar suas equipes (*Curso de Bacharelado 7*, p.14).

¹¹ Tudo isto condenava a Espanha a uma situação de desequilíbrio, um déficit crônico no comércio internacional: a Espanha devia importar mais para conseguir sua industrialização e era impossível, dada a pobreza de sua produção, ampliar o volume das importações como fator compensatório na balança comercial (*Curso de Bacharelado 7*, p.14).

A democracia volta a vigorar no país, mas a economia passa por novos abalos ocasionados, nesse momento, por uma crise econômica ocorrida nos anos 60 nos mercados mundiais, que teve como consequência a diminuição do fluxo de desenvolvimento econômico do país.

A ditadura de Franco foi marcada por um longo período de conflitos sociais, uma vez que foi uma época de empobrecimento não só material e alimentício, mas também humano, pois a defesa, imposição e consolidação deste regime ditatorial causaram não somente o empobrecimento econômico, senão provocaram também danos ao âmbito artístico-cultural, por conta de prisões arbitrárias, de mortes e de exílios de grandes personalidades da cultura espanhola, como diversos artistas e escritores.

2 A condição feminina na Espanha nos anos 40 do século XX

Após a instauração do regime ditatorial franquista é imputada uma mudança no estilo de vida social e familiar dos espanhóis. Franco, junto com a igreja católica, buscou resgatar e propagar modelos de conduta mais conservadores e tradicionais:

Todas las perplejidades de quien no estuviera dispuesto a comulgar con ruedas de molino derivaban de aquella esquizofrenia entre lo que se decía que se pasaba y lo que pasaba de verdad, entre lo que se imponía y lo que necesitaba. Se imponía, por encima de todo, la definición de un estilo de vida propio y que resultara convincente. Pero ya vamos viendo do que aquel atuendo de estilo español para muchos resultaba un disfraz incómodo¹² (GAITE, 1987, p.25).

Em meio ao desastre e às crises que afetavam o país após a guerra civil espanhola, a mulher, dentre todos os membros de uma família, foi a que mais sofreu com as modificações de conduta social. O modelo feminino imposto nessa época não levava em conta os avanços que a população feminina havia conquistado até a Segunda República espanhola, passando pela educação feminina e o direito de voto. Fuentes (2012) nos mostra que:

Con la II República (1931-36/39), las mujeres consiguen, al menos teóricamente, sus aspiraciones más elementales; durante la Guerra Civil se registra una radicalización de las mujeres en el territorio leal a la república, mientras que en la zona sublevada se inicia la marea antirreformista¹³ (Fuentes, 2012, p.24).

¹² Todas as perplexidades de quem não estivesse disposto à comuna com rodas de engenho, derivavam daquela esquizofrenia entre o que se dizia que se passava e o que passava de verdade, entre o que se impunha e o que necessitava. Impunha-se, acima de tudo, a definição de um estilo de vida próprio e que resultava convincente. Mas, percebemos que aquele revestido de estilo espanhol para muitos resultavam um disfarce incômodo. (GAITE, 1987, p.25)

¹³ Com a II República (1931-36/39), as mulheres conseguem, ao menos teoricamente, suas aspirações mais elementares; durante a Guerra Civil se registra uma radicalização das mulheres no território leal a República, no entanto, na zona sublevada se inicia a maré antirreformista (FUENTES, 2012, p.24).

Um modo de a mulher espanhola possuir uma feminilidade própria, sem influência estrangeira de comportamentos considerados modernos, foi a recuperação de formas de conduta privilegiadas no passado.

Elas teriam de se comportar como senhoras de seus lares e deixar de assumir trabalhos que não fossem os domésticos e vinculados aos cuidados de sua família; deveriam estar presentes em suas casas e na igreja e não em escritórios juntos com homens que não fossem seus maridos; resgatando a *espanholidad*, o modelo de mulher dedicada ao lar e ao seu marido, fervorosa na fé e na vigília de sua honra e da família, de forma a representar a dignidade de cada uma e da Espanha, e se preocupando em educar seus filhos dentro dos moldes sociais impostos pelo governo de Franco, como podemos perceber nas palavras de Gaité:

La mujer de España por española, es ya católica... y hoy, cuando el mundo se estremece en un torbellino guerrero en el que se diluyen insensiblemente la moral prudencia, es un consuelo tener a la vista la imagen “antigua y siempre nueva” de esas mujeres españolas comedidas, hacendosas y discretas. No hay que dejarse engañar por ese otro tipo de mujer que florece en el clima propio de nuestra polifacética sociedad, esa fémina ansiosa de “snobismos” que adora lo extravagante y se parece por extranjero: tal tipo nada tiene que ver con la mujer española y, todo lo más, es la traducción deplorable de un modelo nada digno de imitar¹⁴ (1987, p.26).

Esse modelo de família impõe à mulher uma educação escolar voltada para suas tarefas domésticas e para os valores sociais que deveriam ser transmitidos aos filhos e aos demais membros de sua família.

O objetivo do franquismo era frear o progresso de igualdade de direitos entre homens e mulheres e eliminar da sociedade espanhola o que se acreditava ser um “caos” proveniente de uma modernidade influenciada por países como os Estados Unidos. Nesse sentido, as espanholas deveriam,

¹⁴ A mulher da Espanha, por espanhola, já é católica... E hoje, quando o mundo se estremece em um turbilhão de guerras no qual se diluem insensivelmente a moral da prudência, é um consolo ter em vista a imagem “antiga e sempre nova” dessas mulheres espanholas modestas, trabalhadoras e discretas. Não deve deixar-se enganar por esse outro tipo de mulher que floresce em clima próprio de nossa sociedade com várias facetas, essa feminilidade ansiosa de “snobismos” que adora o extravagante e se parece com a estrangeira: tal tipo se parece com a mulher espanhola e, tudo mais, a tradução deplorável de um modelo nada digno de imitar (GAITE, 1987, p.26).

inclusive, recusar os modelos femininos que figuravam nas revistas importadas de moda.

No campo da educação escolar¹⁵ foi anulada a mistura de meninos estudando com meninas em uma mesma sala de aula, forma que era oferecida na II República. No franquismo, homens e mulheres deveriam ser educados separadamente e sua instrução deveria ser de acordo com o papel social que cada sexo desempenhava na sociedade.

São criados materiais específicos destinados à educação feminina e também ao lazer das mulheres. Podemos encontrar em Gaité um fragmento de uma revista intitulada “Destino” que reproduz os objetivos da educação naquela época: “Se distinta es la mujer del hombre, distinta ha de ser su educación... y sabemos hasta qué punto se desanima al ver los resultados de una persistente camaradería¹⁶.” (DESTINO, 1946 *Apud* GAITE, 1987, p.67)

Os materiais produzidos na época franquista para mulheres seguia o mesmo estilo de educação, eram sempre voltados para exercícios do ofício do lar. Ao invés de conhecer as ciências gerais, deveriam aprender a cozinhar e costurar. Além disso, cada material produzido naquela época tinha seu público alvo definido, ou seja, revistas, jornais, brinquedos, entre outros, tinham como destino cada gênero específico.

As meninas também aprendiam noções básicas de economia para, futuramente, após o casamento, auxiliarem seus maridos na administração dos bens da família. Dessa forma, a mulher volta aos seus tempos de subserviente ao lar e ao homem, sem outra função ou cargo além das ocupações domésticas.

Neste sentido, podemos utilizar das palavras de Nader ao falar das condições femininas das mulheres brasileiras, que se assemelham as das mulheres espanholas da época franquista:

A mulher teve sua vida atrelada à família, o que lhe dava a obrigação de submeter-se ao domínio do homem. Por tradição histórica, a mulher foi destituída de seus direitos civis, de poder

¹⁵ Ao falarmos em educação na época franquista, queremos nos referir à oferta de educação, principalmente, para as classes mais favorecidas economicamente.

¹⁶ Se diferente é a mulher do homem, diferente há de ser sua educação.... E sabemos até que ponto se desanima ver os resultados de uma persistente camaradagem (GAITE, 1987, p.167).

participar de uma educação que fosse capaz de prepará-la para poder administrar sua própria vida (1997, p.68).

O texto *“La perfecta casada”* do frei espanhol Luís de León, escrito no século XVI, passa a ser leitura obrigatória para as meninas e figura como paradigma de conduta tanto para as solteiras como para as casadas. Nessa obra, existem várias instruções de como deveria ser o comportamento das mulheres no âmbito doméstico e também na maneira de se relacionar com seus maridos, como podemos perceber no seguinte fragmento:

Pero antes que venga a esto, que es declarar las leyes y condiciones que tiene sobre si la casada por razón de su estado, será bien que entienda vuestra merced la estrecha obligación que tiene a emplearse en el cumplimiento de ellas, aplicando a ellas toda su voluntad con ardiente deseo. Porque como en cualquier otro negocio y oficio que se pretende, para salir bien con él, son necesarias dos cosas: la una, el saber lo que es, y las condiciones que tiene, y aquello en que principalmente consiste; y la otra, el tenerle verdadera afición¹⁷ (LEÓN, 1999 p.3).

No franquismo, a mulher não tinha muitas opções de escolha, só havia poucas ou quase nenhuma oportunidade para que elas pudessem desenvolver algum tipo de trabalho em sua sociedade, as poucas exceções se vinculavam à área da educação ou da saúde. Seu principal objetivo deveria ser o de se preocupar em conseguir um marido. Caso não conseguisse deveria ter o noviciado como segunda opção.

Em meio a uma sociedade machista, as mulheres não poderiam se destacar socialmente. Além disso, tinham de se sentirem ou aparentar serem felizes ao lado de seus cônjuges e de se mostrarem como um ser frágil que precisava da constante proteção do marido.

No puede una mujer sentirse plazeramente feliz, si no es bajo el cobijo de una sombra más fuerte. Más fuerte en todo:

¹⁷ Mas antes que venha a se declarar as leis e condições que tem sobre si a casada por razão de seu estado, será bem que entenda vossa senhora a estreita obrigação que tem a empregar-se no cumprimento delas, aplicando a elas toda sua vontade com ardente desejo. Porque em qualquer outro negócio e ofício que se pretende para ser sucedida, são necessárias duas coisas: a primeira é saber do que se trata e as condições que se tem, e aquilo em que principalmente consiste; e a outra, e ter verdadeiro afincio (LEÓN, 1980, p.3).

en lo sentido y en lo imaginado. Precisa nuestra feminidad sentirse frágil y protegida¹⁸ (GAITE, 1987, p.50).

Mais da metade dos jovens espanhóis do sexo masculino havia morrido ou ficado inválida por conta da guerra civil. Fato que dificultava a tarefa das moças de conseguir um casamento e, com isso, assegurar sua dignidade e evitar ser motivo de comentários maldosos da sociedade, pois “el hombre que no se casaba es porque no quería y la mujer que no se casaba, en cambio, es porque no podía¹⁹” (GAITE, 1987, p.45). Portanto, existia uma grande “disputa” feminina por encontrar um marido, como relata Gaité:

[...] en un sistema de total monogamia, las jóvenes aspirantes al matrimonio también luchaban con desventaja, estadísticamente hablando, frente a los varones que aspiraran a lo mismo, ya que la guerra había diezmado de forma notoria la población masculina²⁰ (GAITE, 1987, p.46).

Por causa da desvantagem do número de mulheres em relação ao de homens, várias não contaram com uma determinada estabilidade financeira oferecida pelo casamento e tampouco poderiam exercer ofícios que não fossem domésticos, com as poucas exceções que vimos, destinadas às solteiras, pois as casadas deveriam se preocupar exclusivamente com as tarefas domésticas e cuidados de sua família.

A atuação feminina foi moldada e propagada por cidadãos masculinos que utilizaram como argumento a defesa da condição frágil das mulheres. Nesse contexto, a principal preocupação de todas deveria ser a de arranjar um marido e garantir um protetor que lhe proporcionasse amparo, como declara Gaité: “La vida de toda mujer, a pesar de cuanto ella quiera simular – o

¹⁸ Não pode uma mulher sentir-se agradavelmente feliz, se não for abaixo do desejo de uma sombra mais forte. Mais forte em tudo: no real e no imaginado. Precisa nossa feminilidade sentir-se frágil e protegida (GAITE, 1987, p.50).

¹⁹ O homem que não se casava era porque não queria e a mulher que não se casava, pelo contrário, era porque não podia (GAITE, 1987, p.45).

²⁰ Em um sistema de total monogamia, as jovens aspirantes ao matrimônio também lutavam com desvantagem, estatisticamente falando, frente aos varões que aspiravam ao mesmo, já que a guerra havia dizimado de forma notória a população masculina (GAITE, 1987, p.46).

disimular –, no es más que un continuo deseo de encontrar a quien someterse²¹” (GAITE, 1987, p.45).

No entanto, mesmo diante de um contexto no qual vigoravam regras opressivas que impediam uma participação mais ativa da mulher na sociedade, algumas conseguiram vencer este cerco e exerceram ofícios que não eram propriamente destinados às mulheres, como a produção da escrita literária. Carmen Laforet é um exemplo desta transgressão de barreiras sociais impostas aos seres do sexo feminino, como também o é a personagem principal de sua obra “Nada”, nosso foco de estudo neste trabalho.

²¹ A vida de toda mulher, a pesar de quando ela quiser simular – ou dissimular –, não é mais que um contínuo desejo de encontrar a quem submeter-se (GAITE, 1987, p.45).

3 A escrita de autoria feminina

A escrita é uma forma prestigiada de expressão das sociedades e culturas ocidentais, enquanto que é atribuído à oralidade um grau de inferioridade comparada ao código escrito, como observa Marcuschi:

Certamente, a escrita foi e continua sendo, em muitos casos, um instrumento de dominação e imposição dos letrados sobre os demais. Ela operou e opera como um instrumento de segregação e demarcação de desigualdades, de modo que suas consequências são diversificadas. Não é de esquecer que a escrita é, além de outras coisas, um instrumento de poder e dominação (MARCUSCHI, 1999, p.49).

Mesmo na atualidade a escrita não perdeu seu *status* de segregar, eleger, separar membros dentro de uma mesma comunidade, a exemplo dos considerados alfabetizados em relação aos não alfabetizados.

Por outro lado, o aprendizado da escrita, nas culturas ocidentais, tampouco é garantia de inclusão social para todos, pois existem aqueles que estabelecem regras e determinam o que se deveria escrever e por quem deveria ser escrito.

Diante dessa configuração, surgem - principalmente no âmbito literário - grupos que criam e defendem normas como forma de “proteção” ao ato de escrever, baseando-se em paradigmas estabelecidos por um cânone literário – um conjunto de regras que tem como pretensão definir a arte do “bem escrever” e os estilos a serem adotados pelos escritores.

Essa forma caracterizada por um padrão tanto determina quanto exclui produções literárias e seus respectivos autores. Nessa perspectiva, o cânone passou a moldar as manifestações escritas, como ressalta Mazzoni:

O valor de uma obra literária foi determinado por um grupo de críticos que vê a sua “qualidade” sem acatar qualquer outro alinhamento externo ao estético, selecionado como universal e atemporal. O problema é que o cânone estabiliza e cristaliza as produções que devem ser passadas para outras gerações

através das instâncias de poder: compêndios, universidades e escolas, desconhecendo as transformações que a própria sociedade sofre (MAZONNI, 2010).

O objetivo do cânone literário, desde sua criação - no século XVIII - até meados do século XX, era o de selecionar e restringir a criação e a divulgação de obras literárias, o que muitas vezes beneficiava ou mesmo protegia um determinado grupo literário, além de transformá-lo em um modelo de “padrão de qualidade” que representasse a “arte do bom escrever” e que pudesse ser imitado pelos que desejassem participar ter êxito como escritor.

Os participantes da elaboração e manutenção da vigência do cânone se centravam em uma visão androcêntrica²² do mundo, que vigorou por um longo período histórico, não dando espaço para a escrita produzida por mulheres. Sendo assim, o universo literário era bastante restrito, sobretudo para as mulheres, até meados do século XX, no mundo ocidental.

Desde a Idade Média até meados do século XX, a mulher era vista em muitas culturas como um sexo inferior ao homem. Por conta dessa visão, várias sofreram marginalização e muitas tiveram de se submeter aos valores impostos por sociedades patriarcais, o que as impediam de constituir e viver plenamente a sua identidade, pois não podiam projetar sua voz e nem tinham vez na sociedade.

Muitas vezes esses ideais masculinos eram aceitos por muitas mulheres como natural ou mesmo com resignação. É o que nos revela Gaité ao se referir as palavras de Pilar Primo de Rivera: “Las mujeres nunca descubren nada: les falta desde luego el talento creador, reservado por Dios para inteligencias varoniles; nosotras no podemos hacer nada más que interpretar mejor o peor lo que los hombres han hecho²³” (GAITE, 1997, p.68).

Entretanto, a produção literária feminina, geralmente, reproduz uma visão diferente de um texto literário escrito por autores masculinos, fato que

²² Termo cunhado pelo sociólogo americano Lester F. Ward em 1903, está intimamente ligado à noção de patriarcado, porém não se refere apenas ao privilégio dos homens, mas também da forma como as experiências masculinas são consideradas como as experiências de todos os seres humanos e tidas como uma norma universal tanto para homens quanto para mulheres, sem dar o reconhecimento completo e igualitário à sabedoria e experiência feminina.

²³ As mulheres nunca descobrem nada: lhes falta o talento criador, reservado por Deus para inteligências varonis; enquanto a nós, não podemos fazer nada mais que interpretar melhor ou pior o que os homens já fizeram. (GAITE, 1997, p.68).

enriquece a arte da palavra, já que podem apresentar perspectivas diversas e múltiplas. Porém, como aponta Mazzoni (2010) parafraseando Duarte:

o critério de exclusão da literatura de autoria feminina está vinculado ao preconceito e à resistência dos críticos de literatura em dar conta de uma outra ótica, cujo paradigma preestabelecido pela modernidade – centrado no estético e no universal – reduz a literatura a uma única vertente, a um único olhar (o masculino), que, por sua vez, está submetido ao código e regras da sociedade burguesa que dividiu as tarefas sociais pelas diferenças sexuais, remetendo, imediatamente, a produção com assinatura de mulheres à exclusão (MAZZONI, 2010).

Mazzoni (2010) ressalta que tais divisões e olhares preconceituosos estão enraizados em leis e códigos – na maioria das vezes elaborados por homens – que marginalizam as mulheres no âmbito da divisão de trabalhos e das diferenças sexuais. Somente a partir dos anos 70 do século passado a escrita feita por mulheres passou a ter mais espaço e a ser mais respeitada dentro do meio literário.

Contudo, a literatura feminina não tem como pretensão se opor ao modelo dominado por escritores e em vigor durante várias centúrias, senão de democratizar este espaço, de somar, de ser mais uma voz na esfera literária. Mazzoni (2010) ao se referir ao valor da escrita feminina declara que ela nos oferece: “uma ‘condição diferente’, um discurso diferente (...) dentro de uma linguagem e um modo de posicionar diferente da narrativa de autoria masculina”.

Com o surgimento, em meados do século XX, de estudos literários de cunho feministas, cujo objetivo inicial era o de resgatar os nomes e produções de mulheres escritoras de séculos anteriores, principalmente do XVIII e do XIX, fica provada a capacidade da mulher para desenvolver outros trabalhos além dos domésticos, incluindo aqui a produção escrita. Nesse sentido, evidencia-se outra projeção do papel da mulher na sociedade, como aponta Santos (2012) ao afirmar que o fato de colocar a mulher em outro patamar “permite repensar o lugar por ela ocupado no imaginário social” (SANTOS, 2012, p.42).

Em meados do século XX, a mulher passa a receber, gradualmente, reconhecimento como participante na construção da sociedade, não mais como indivíduo passivo, mas como conhecedora e participante da construção do universo em que está inserida. Na esfera literária, a escrita feminina é tomada como mais uma forma de se refletir acerca das relações interpessoais a partir da criação artística.

Com a gradativa conquista feminina de espaço no meio literário, obras produzidas por mulheres proporcionam aos leitores e a sociedade em geral não só um relativismo literário, senão também histórico, já que agora não é o “outro” que trata das personagens femininas e de seus anseios e desejos e sim a “própria”. Assim, encontraremos diversas histórias de personagens femininas narradas por mulheres.

A crítica literária feminina, fomentada a partir da segunda metade do século XX, enriqueceu a análise da literatura produzida por mulheres. Dentre algumas vertentes, destacamos os estudos baseados em movimentos feministas. Algumas autoras, como Zinani (2012), ressaltam que os estudos realizados por críticas literárias de cunho feminista se dividem em três períodos ou ondas.

Na primeira onda, correspondente às últimas décadas do século XIX até as primeiras do século XX, os movimentos de mulheres ou de gênero buscaram resgatar autoras de séculos passados no intuito de colocá-las em seu lugar de direito em meio aos grandes autores, atribuindo um valor que essa escrita não recebeu no momento e no espaço em que foi produzida.

A segunda onda de estudos é marcada pela publicação, em 1949, do livro “O Segundo Sexo”, de Simone Beauvoir. Esta etapa é caracterizada pela análise da construção das personagens femininas nas obras literárias, tanto de autores, quanto de autoras. Esses estudos buscam refletir acerca da representatividade que o sexo feminino toma em cada obra e também discutir “a questão da mulher através de vários ângulos” (ZINANI, 2012, p.412).

A terceira onda surge em torno do ano de 1990 nos Estados Unidos, nesse momento são levados em considerações os questionamentos desenvolvidos no período anterior – na segunda etapa; porém de maneira mais

ampla, levando em consideração o “aspecto da autoestima sexual, uma vez que a sexualidade é uma modalidade de poder” (ZINANI, 2012, p.412).

As regras sociais, durante muitos séculos, foram ditadas pelo homem, dividindo as tarefas que caberia a cada gênero realizar, deixando para a mulher um posto de subserviente, ou até mesmo de submissão total. Essa sociedade patriarcal não permitia que a mulher pudesse realizar outras atividades além das domésticas. Naturalizavam o ser feminino como frágil e, por isso, imputavam-lhes o cuidado da família e da casa como único ofício importante.

A mulher em sua trajetória de revolução rumo à busca de direitos mais igualitários entre os gêneros conquistou o direito de votar no sufrágio universal na Espanha na Segunda República, sendo esse um dos avanços mais significativos alcançados por elas naquela época.

Os anseios de mudanças sociais transpassaram os muros domésticos em meados dos anos 60, do século XX, nos países desenvolvidos da Europa, momento em que as mulheres passaram a ser “atuantes no processo de criação do seu próprio discurso e conseqüentemente da própria vida” (OLIVEIRA, 2012, p.1).

Nessa época, as mulheres ampliaram sua participação no mercado de trabalho, fato que contribui significativamente para uma atuação mais ativa do sexo feminino na sociedade, pois as permite romper com o espaço privado e agir no âmbito público.

Outro fato importante ocorrido nos anos 60 foi à dominação do próprio corpo, pois a “legalização” do aborto e a campanha massiva da pílula anticoncepcional simbolizam um grande avanço na conquista da independência feminina.

Com os estudos feministas, a supremacia dos cânones foi relativizada. A mulher pôde se autodenominar, ou seja, a partir do momento em que se conhece melhor tem o poder de falar sobre seus anseios e desejos em relação à sociedade em que participa e escrever sobre seu modo de ser e agir. Para Shuck (2008), esse processo de autoconhecimento ainda não terminou, pois

“as mulheres contemporâneas [ainda] estão em busca de sua identidade. Estão passando por mudanças, reformulando conceitos e conflitos internos²⁴”.

Ao conseguir romper com a submissão imposta, a mulher passa a se (re)construir e a (re)definir o seu papel na sociedade, como podemos conferir nas palavras de Shuck:

La literatura de escrita femenina, [...] se basó en una profunda indagación sobre las nuevas identidades femeninas, trae al público la representación de personajes femeninos que corporizan nuevos comportamientos y grandes cuestionamientos sobre los deseos y las dificultades de las mujeres actuales²⁵ (2008, p.1).

Os estudos feministas na contemporaneidade entendem a escrita feminina não como forma de superação da literatura produzida por escritores, senão como reconhecimento de que cada obra é uma produção imaginária, fictícia, uma (re)construção/(re)criação e não uma realidade concreta; esses estudos demonstram que:

A literatura de autoria feminina é uma resistência à ordem pela qual a escrita literária ficou restrita aos homens, excluindo as mulheres do cânone tradicional. Os resultados no interior dessa ordem são a continuação da retificação do poder pela escrita, a luta contra ele e uma escrita rumo a identidade (PASSOS, 2012, p.02).

Dessa forma, a escrita feminina permite repensar o local ocupado pelas mulheres, principalmente das autoras, dentro das sociedades ocidentais, que tem como longa tradição um substrato ancorado no falocentrismo – crença na superioridade masculina diante da feminina.

Portanto, por motivos de preconceitos por parte dos homens, durante muito tempo poucas escritoras conseguiram publicar seus textos. Mais recentemente, após a ampliação de seu ingresso no mercado de trabalho, elas

²⁴ Las mujeres contemporâneas, están en búsqueda de su identidad. Están pasando por cambios, reformulando conceptos y conflictos internos (SHUCK, 2008, p. 1).

²⁵ A literatura de escrita feminina, [...] se baseou em uma profunda indagação sobre as novas identidades femininas, traz ao público a representação de personagens femininos que incorporam novos comportamentos e grandes questionamentos sobre os desejos e as dificuldades das mulheres atuais. (SHUCK, 2008, p.1)

começaram a reivindicar seus direitos, e conseqüentemente resgataram e estabeleceram reflexões a partir desses escritos.

Desde fins do século XIX e início do século XX, passando pela intensificação da luta pela emancipação nos anos 60, as mulheres vêm reivindicando o direito a ter uma maior participação na sociedade. No caso específico de escritoras, além da pauta anterior, existe também a luta por poderem se auto representar e pelo reconhecimento de sua escrita, permitindo-lhes projetar o seu próprio “olhar” e, com isso, retratar ficcionalmente a sociedade e seu entorno, descrever e analisar seus eventos e suas repercussões na sociedade atual, por meio de outra perspectiva, a feminina.

4 Estudo da personagem de ficção

Junto ao estudo mais geral acerca das obras literárias, surge a necessidade de se estudar as categorias narrativas. Dessa forma, desenvolvem-se análises de um dos componentes que compõem as variadas construções literárias em prosa: a personagem.

Todo texto literário narrativo possui três partes fundamentais na sua elaboração, sendo elas: o enredo, o narrador e a personagem. Esta última é considerada a “chave mestra” na construção, leitura e compreensão, fazendo com que muitos escritos ganhem mais dinamicidade em seu desenvolvimento do enredo.

Na narrativa literária é perfeitamente apreciada a presença de características humanas na constituição das personagens, que auxiliam o leitor a projetar em sua imaginação particularidades da vida e conhecimento de seu contexto no ato de leitura. Como nos indica Candido:

[...] para não tornar [a narração] em mera descrição ou em relato, exige, portanto, que não haja ausências demasiado prolongadas do elemento humano (este, naturalmente pode ser substituído por outros seres, quando antropomorfizado) porque o homem é o único ente que não se situa somente “no” tempo, mas que “é” essencialmente tempo (1970, p.19).

Enredo e personagem existem de forma simultânea para a desenvoltura e dinamicidade na construção da narrativa, pois “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem o enredo” (KARAN, p.1, 2001), ligando-os intrinsecamente e os tornando partes indissociáveis. Desse modo, a personagem será entendida à medida que se apresenta na realidade narrativa e o enredo será construído ao agir de cada personagem.

Não há como se pensar em um enredo sem levarmos em conta quem (ou que) poderiam vivenciá-los; muito menos pensar em personagens, sem um

enredo para atuarem com suas características particulares de “ser” presentes nas narrativas.

A construção de cada personagem das narrativas cheias de tramas e complicações se baseia no trajeto particular de ações humanas. Por essa razão por vários séculos foi muito difundindo e pensado acerca da relação de representação dos contextos sociais por meio da literatura, chegando a se afirmar que as obras literárias se tratavam de espelhos da pura “realidade” como afirma Candido (1970).

A luz de novos estudos empreendidos a partir do século XVIII se permeia um novo conceito de mundo real e ficcional em relação à obra literária, na qual, segundo Brait, as personagens encontradas são meras representações psicológicas do autor: “A partir do século XVIII, a concepção de personagem herdada de Aristóteles e Horácio entra em declínio, sendo substituída por uma visão psicologizante que entende personagem como representação do mundo psicológico de seu criador” (BRAIT, 1985, p.34).

Muitas vezes, julgamos a verossimilhança de uma construção literária e de suas personagens como “real” ou “falsa”, partindo de pressupostos ligados à realidade social na qual se encontrava o autor, mas também a partir dos juízos de valor que cada leitor projeta, esquecendo muitas vezes de que a realidade do produto literário se dá pela própria dinâmica das construções linguísticas, e não na realidade referencial propriamente dita. No entanto, isso não exclui o fato de que cada autor se inspira em seu meio social, político e religioso no momento de sua produção literária, revelando traços de um contexto real.

O termo ‘verdade’, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade (CANDIDO, 1970, p.12).

Por conta da semelhança com os aspectos da vida cotidiana, as personagens que são seres ônticos, imaginadas ou reproduzidas, e criadas por meio da construção da linguagem, podem ser confundidas como representação de pessoas reais: “as personagens são, sempre, criaturas feitas de linguagem. Por mais humanas que pareçam, elas só se tornam verdadeira no encontro entre imaginação do autor e do leitor” (TV ESCOLA, 1999).

A caracterização da personagem, dentro de suas variadas funções artísticas, serve para representar, de maneira contínua e desfragmentada (latente na construção da completa da obra), a descontinuidade e fragmentação do ser humano no interesse de conhecer seus semelhantes.

De modo fragmentário, [a personagem] nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira fragmentária, insatisfatória, incompleta, com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes (CANDIDO, 1970, p.43-4).

Mesmo na tentativa de buscar conhecer as descontinuidades da formação da personalidade do ser humano através do romance representado por meio das personagens, não se deve esquecer que:

Na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que estabelecemos, mas que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro (CANDIDO, 1970, p. 44).

Por essa razão podemos afirmar que a personagem, mesmo impregnada de aspectos psicológicos, é um ser ôntico finito de complexidade, pois se encerra no âmbito de construção linguística, no qual as diferem dos seres psicológicos reais.

Já aos seres humanos podemos lhes configurar de acordo com sua ação sobre o meio como fluído e inconstante, ou seja, a caracterização que se pode conceber a eles varia com seu agir sobre o meio. Mas, em se tratando de personagens, mesmo que existam várias interpretações sobre o seu agir dentro do enredo fictício, o autor já havia determinado seu destino e suas

características para cada mudança tomada dessas personagens. Pois, caso fosse possível abranger toda complexidade do ser natural em uma obra de ficção, não haveria sentido uma manifestação de criação artística.

Candido (1970) nos apresenta certas finalidades sobre a captação e transformações de um todo desfragmentado e descontínuo de uma pessoa em um plano psicológico do autor a fim de sua incógnita pessoal. Quando toma um modelo na realidade, o autor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal, graças à qual procura relevar a incógnita da pessoa que o autor se baseou para criar sua personagem com tais características.

Por essa razão, como observa Candido (1970), ao lermos uma produção literária, percebemos todas as nuances de seres reais fixados nas personagens que se apresentam nessas produções. Mas, embora nos revelem certos aspectos característicos reais, não simplificam e fixam as diversas possibilidades de reações e tomadas de decisões imprevistas adotadas por cada ser em particular na realidade, que divergem na análise dos seres ficcionais que sua reação já é determinada para o segmento da trama ficcional, pois tais personagens consideradas com movimentos fixos dentro da ficção são compreendidas pelos leitores como possuidoras de características humanas.

As personagens de costumes são muito divertidas; mas podem ser compreendidas por um observador superficial do que as de natureza, nas quais é preciso ser capaz de mergulhar nos recessos do coração humano (CANDIDO, 1970, p.46).

Nesse sentido, podemos entender que “a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo” (CANDIDO, 1970, p. 45). Muitos questionamentos foram levantados desde o início dos estudos aristotélicos sobre a personagem não ser uma forma viva fora do contexto ficcional, como ocorre muitas vezes, em casos de objetos, animais ou outros seres com características humanas, ou ser uma criação ou reprodução do ser real. Podemos perceber que sua classificação dependerá do diálogo entre o autor e o leitor através das apresentações feitas pelo narrador. Mas, se deve ter sempre em consideração que, mesmo sendo classificada como reprodução do real, a personagem só terá vida dentro do seu contexto ficcional.

Uma vertente bastante plausível na diferenciação da personagem com características personificadas em sua construção se dá pelo fato de o autor oferecer vários detalhes sobre cada elemento constitutivo de sua obra, levando o leitor a ter uma impressão de conhecer todos os seres em toda sua totalidade, tornando-a totalmente explicável, conferindo-lhe uma maior originalidade.

Estudos realizados sobre a personagem, desde o tempo de Aristóteles até os dias atuais, vêm tentando desenvolver uma teoria que contemple o estudo de tais seres fictícios separados dos seres reais. Para Brait, foi:

Finalmente, no século XX e através da perspectiva dos formalistas, a concepção de personagem se desprende das muletas de suas relações com o ser humano e passa a ser encarada como um ser de linguagem, ganhando uma fisionomia própria (BRAIT, 1985, p.43).

Por se tratar de seres complexos, muitos teóricos como Proust, Woolf e Joyce, determinaram dois tipos de personagens que permeiam os textos fictícios segundo seu aspecto em cada apresentação linguística e sua função dentro da trama, sendo elas *personagens planas* e *personagens redondas*.

As personagens planas são caracterizadas por apresentarem os mesmos aspectos funcionais desde sua primeira descrição pelo narrador, sem mudanças significativas que podem ser resgatadas a qualquer momento pelo leitor sem prejudicar a sua compreensão e interação com o texto lido, essas personagens não evoluem. Enquanto que as redondas possuem um caráter mais complexo, várias qualidades, e são seres multifacetados, que apresentam uma proximidade com o mundo real.

Para que uma personagem esteja “viva” dentro de cada texto literário, o autor se utiliza de vários aspectos que revela sua construção e desempenho dentro de determinada obra, e um desses artifícios se encontra o narrador, pois é por meio dele e de sua postura que muitas vezes a personagem figura diante do leitor. O narrador exerce o papel de porta voz entre o autor e o leitor.

Por essa razão, determinam-se dois importantes tipos de focos narrativos, um escrito em primeira pessoa, na qual a própria personagem se apresenta na ficção como participante do enredo contando sua trajetória

peçoal, e outro em terceira pessoa, em que o narrador atua como um observador e relator das tramas ficcionais alcançadas aos seus olhos. O foco narrativo em terceira pessoa tem a finalidade de “não apenas mostrar os movimentos que a vão delineando, mas também dizer o que ela está sentindo e, mais adiante, o que está pensando” (BRAIT, 1985, p.54).

Este tipo de estilo presente na obra literária vai construindo sua personagem de acordo com sua finalidade para o desenvolvimento da trama de sua criação artística. Mas isso não significa a restrição das inúmeras possibilidades de leituras suscitadas nos leitores a respeito das personagens.

Deve-se sempre levar em consideração todas as partes do diálogo na transição desde a elaboração das artes até a interpretação que cada leitor faz em seu contato com ficção lida.

4.1 As principais personagens da obra

Em “Nada”, nos deparamos com a personagem Andrea, protagonista e narradora dos fatos vividos por ela no romance. Esta obra de Carmen Laforet retrata a época em que a protagonista vai morar com seus parentes maternos, período este que compreende a pós-guerra civil espanhola.

Trata-se de uma garota sonhadora, e por essa razão planeja ações para que possa conquistar seus anseios. É uma personagem iludida com a crença do gozo de liberdade de garotas que residem nas cidades grandes em relação às das cidades interioranas como ela.

A pobreza e a crise causadas pela guerra e também a repressão social e imposição de certos tipos de conduta feminina por parte de um governo e uma sociedade conservadores fazem com que Andrea sofra com os desenganos proporcionados pela realidade nua e crua de dureza para todos os habitantes de um local que tenta se (re)erguer dos destroços deixados pela guerra.

A narradora-personagem-protagonista de “Nada” tenta disfrutar do ideal de liberdade imaginado por ela que se choca com o modelo de comportamento imposto por sua família que vive em um momento difícil neste ambiente de pós-guerra.

Em sua lembrança, Andrea tem guardado alguns aspectos de alegria vividos em seu tempo de criança quando ia visitar seus parentes nas férias. Sua avó também fala da alegria e do amor que cada integrante demonstrava um pelo outro, e que após a guerra foi sendo suprimido, dando lugar às indiferenças para sobreviver ao seu modo.

Após a morte do patriarca familiar, a família entra em decadência financeira e passa a receber comida racionada, pois as que não tiveram poder aquisitivo de bens antes da guerra se tornavam mais decadentes.

Outro fato também presente na casa de Andrea e proporcionado pela guerra era as responsabilidades em manter a família suprida dos alimentos básicos para sobrevivência, por essa razão de os membros da casa não quererem estar com toda a responsabilidade de alimentar os membros daquela casa, podemos constatar frequentes brigas internas entre os filhos que permaneceram na casa junto com a matriarca, e, conseqüentemente, entre os próprios irmãos.

A sua tia Angustias é a antagonista de Andrea na realização dos desejos de liberdade e de realizações pessoais naquele contexto social repressivo à mulher, pois representa esta tia moral (ou falsa moral) da conduta feminina, a religiosidade, ou seja, o modelo de mulher difundido na Espanha franquista.

Para que possa formar sua sobrinha nesse modelo, ela oprime e reprime Andrea em cada ação tomada que não condiz com sua aprovação. A todo momento, Angustias se mostra contraditória entre suas falas moralistas e suas ações, observa a vida de todos na casa e fora dela.

Ela é uma das personagens mais machistas descritas na narrativa, é ela quem - a todo momento - rotula sua sobrinha e impõe seus preceitos de mulher. Pelos relatos, podemos considerar que ela disfrutou dos direitos conseguidos pelas mulheres durante a II República espanhola.

Um aspecto que simboliza e comprova as contradições de Angustias é o seu quarto em relação à casa, pois aquele se encontra limpo e organizado, diferente do restante dos demais ambientes ocupados por seus parentes. Simbolizando que ela é um ser desligado dos sofrimentos pelo qual alguns de sua família passam.

Por esses aspectos caracterizamos Angustias como uma personagem linear com propriedades de repressora e falsa moralista, pois ela defende um ideal e muitas vezes não o segue.

Neste mesmo ambiente, encontramos mais uma personagem feminina: a avó e matriarca da família. Esta personagem é descrita por Andrea como um dos seres que mais sofreu com a guerra, pois ao lembrá-la observando sua foto nos apresenta a visão que tem de uma mulher forte e robusta, de beleza e elegância exuberante em sua simplicidade, diferente desta outra que lhe recebeu em sua chegada a casa da família; é a personagem apaziguadora, que tenta acalmar as tensões e brigas que ocorrem dentro da casa, não defende um filho em particular, mas sim a todos que ali residem com ela, na tentativa de demonstrar as qualidades que cada filho seu possui.

Outra figura feminina presente na narrativa é a cónjuge de um de seus tios, Gloria. Esta personagem sofre todos os tipos de agressões na família, sendo verbais – por parte de seus cunhados Angustias e Román – e físicas e verbais de seu marido. Por se tratar de uma mulher oriunda de um bairro pobre e periférico da cidade, alguns - dentro daquela casa - a consideravam como amoral; portanto, ela seria indigna de fazer parte daquela família que se dizia honrada.

Gloria é a personagem que representa a repressão feminina sofrida nos anos quarenta do século XX por meio de maus tratos físicos e psicológicos pela maioria das mulheres que não aceitavam ou não se enquadravam nos moldes esperados pelos seus opressores.

Além das personagens femininas que oprimem e são oprimidas na casa da Rua de Aribau, há também personagens masculinas, como Román, um dos tios de Andrea, um ex-guerrilheiro e músico que foi bastante prestigiado e que não vive propriamente da arte. Entretanto, por conta das crises financeiras provocadas pela guerra, passa a contrabandear produtos escassos. É um personagem que, aparentemente, se mostra mais controlado nas atitudes frente à crise financeira que atinge aos demais membros de sua família, deveras, já que vivia da venda de produtos escassos na época de racionamento que o país se encontrava.

Considerava-se como o centro da família e por isso merecia receber as atenções de todos. Mesmo que não demonstrasse diretamente, é outra personagem que tenta representar esse símbolo patriarcal, pois detém todos os ânimos de cada ser que com ele se encontrava e mantinha com ele laços familiares, de amizade ou de amor. Considerava-se como ser controlador do seu irmão Juan, de sua mãe e de sua irmã.

Ainda no que corresponde à família da jovem, mencionaremos outro tio de Andrea, Juan, que também foi guerrilheiro junto ao seu irmão Román, e, ao contrário de seu irmão, Juan é um artista plástico sem reconhecimento e de pouco talento, é uma personagem perturbada e de características bipolares – oscila entre mostrar-se bem psicologicamente e subitamente mudar seu estado de ânimo; nervoso em curtos períodos de tempo –, uma vez que em antes e durante a guerra civil os dois eram bastante unidos e, por decisão de Juan de não se tornar um traidor e também por formar uma família, sofre por não poder suprir as necessidades de comida do lar e ainda por não figurar como companheiro e uma pessoa muito próxima ao seu irmão como outrora.

Com o fim da guerra, após a morte de seu pai, por ser o único varão da família casado, desejava ser essa presença masculina da moral familiar e, além disso, poder sustentá-los, mas não consegue por não ter um bom emprego e também por não conseguir vender suas obras.

Uma personagem importante que merece destaque é Ena, ela não faz parte dessa família, é uma colega da universidade e se torna a melhor amiga de Andrea. Ena é uma personagem bastante enigmática, pois ela não deixa transparecer seus verdadeiros sentimentos em relação aos que lhe rodeiam, como forma de proteção aos desenganos da vida, mas também como mostra de diferenciação das demais mulheres sonhadoras com casamento e submissão ao homem, já que se considera como controladora de seus sentimentos e como manipuladora dos sentimentos das outras personagens que participam de seu círculo relacional.

E também Pons, outro colega de Andrea da universidade, que demonstrava possuir sentimentos em relação à jovem que ultrapassavam a fronteira da amizade. Pons foi responsável tanto pela ilusão como pelo desengano amoroso de Andrea que sonhava com um homem que a

entendesse como mulher diferente ao modelo difundido na época, levando-a a acreditar que havia encontrado estas qualidades no rapaz.

Pons é uma personagem inteligente de família de prestígio social em Barcelona e apreciadora das artes. No entanto, por convencionalismos familiares cultivados pela sociedade, se demonstrou indiferente a Andrea ao vê-la vestida inadequadamente em uma festa proporcionada pela sua família.

A família de Ena e a de Pons podem ser percebidas como um contraste com a de Andrea. As duas primeiras não sofreram diretamente com as consequências da guerra e do pós-guerra, pelo contrário, elas gozam de prosperidade financeira e inclusive ostentam riqueza. Totalmente diferente da família de Andrea, onde faltava de tudo em sua casa, desde água quente, remédios e até alimento para as refeições.

Todas as personagens, exceto Andrea, nos permitem perceber que possuem características fixas dentro do enredo do romance, que são lineares e não avançam com questionamentos de suas vidas, até mesmo Ena com seu aspecto enigmático é uma dessas personagens fixas. Em contraposição, Andrea é uma personagem que pode ser classificada como redonda, pois em diversos momentos apresenta suas inquietudes diante dos fatos do mundo ao seu redor, bem como no decorrer de um ano cresce, amadurece a partir de suas frustrações e, assim, entre ilusão e desilusão entre sonhos e realidade se (re)constrói.

4.2 A construção de Andrea

Para iniciarmos o estudo da construção de Andrea, uma jovem de 17 anos que, conforme já apresentamos é a narradora-personagem e protagonista do romance “Nada” de Carmen Laforet, levaremos em consideração os modelos religiosos e políticos impostos pelo regime franquista que, de acordo com o que foi visto nos capítulos anteriores, moldava o comportamento social das mulheres, defendendo a atuação do sexo feminino exclusivamente ao âmbito doméstico e, conseqüentemente, freava a participação feminina em outras esferas sociais, assim como na política.

De acordo com as teorias apresentadas por Brait (1985) e Candido (1970), podemos perceber que Andrea e seu contexto social representam os aspectos de misérias, desavenças e frustrações dos indivíduos após uma guerra que desola os direitos de humanidade que possuíam. E através dos relatos históricos e também da própria protagonista, percebemos que ela age de maneira subversiva em relação aos padrões sociais impostos naquele período.

Tais modelos entravam em contradição e divergência social em adotar o arquétipo político e religioso para exercer as funções de uma “boa espanhola”, no período franquista, ou transgredir alguns deles para não perecer em uma sociedade tão excludente. Conforme relatado, muitas mulheres precisavam trabalhar fora de seus lares para conseguirem o seu sustento e de sua família, já que muitos homens, tanto do lado dos nacionalistas quanto dos republicanos, perderam suas vidas em combates durante a guerra, levando-as a desenvolverem trabalhos extras domésticos como um meio de sobrevivência.

As transgressões realizadas por Andrea e criticadas por parte de seus parentes e alguns de seus amigos eram uma forma de resposta da jovem ao fato de estar passando por tantos sofrimentos e repressões e de desejar realizar seus desejos de liberdade, mas como forma de não jutar-se ao restante de sua família com modos de falsa moral aparente: “y quizá porque hasta entonces solía estar yo apartada de ellos me hizo éste más impresión que otro alguno” (LAFORET, 2001, p.24).

Andrea saiu do interior da Espanha e foi morar em uma cidade grande, Barcelona, na casa de familiares, para estudar Letras. No contato inicial que teve com seus parentes, logo após a sua chegada, Andrea percebeu o tom autoritário de sua tia Angustias. Na primeira conversa que teve com Angustias, ela foi orientada por sua tia a se submeter ao padrão de conduta feminina vigente naquela época.

A personagem principal, em sua chegada à Barcelona, expõe o valor que para ela possuía o sentimento de liberdade:

Era la primera vez que viajaba sola, pero no estaba asustada; por el contrario, me parecía una aventura agradable y excitante aquella profunda libertad en la noche. La sangre, después del

viaje largo y cansado, me empezaba a circular en las piernas entumecidas y con una sonrisa de asombro miraba la gran estación de Francia y los grupos que se formaban entre las personas que estaban aguardando el expreso y los que llegábamos con tres horas de retraso. El olor especial, el gran rumor de la gente, las luces siempre tristes, tenían para mí un gran encanto, ya que envolvía todas mis impresiones en la maravilla de haber llegado por fin a una ciudad grande, adorada en mis ensueños por desconocida (LAFORET, 2001, p.4).

As primeiras impressões que Andrea teve nesse regresso a Barcelona não foram muito positivas, mas isso não impediu que se sentisse feliz, por acreditar que em uma cidade grande poderia gozar de uma liberdade que não possuía em seu povoado de origem.

Através de eufemismos e metáforas, Andrea demonstra que não se importa com o ambiente triste das ruas e das luzes que insinuam um aspecto melancólico representado pela atmosfera dessa cidade, mas não a traziam nenhum tipo de tristeza e sim encanto por estar realizando um ínfimo de seus sonhos.

Um novo começo de vida se abria a Andrea – pelo menos era o que ela pensava – pois durante muito tempo se imaginou com a sua avó e tios na casa em que visitou durante a sua infância.

Andrea percorreu sozinha o percurso compreendido entre a estação de trem e a casa de seus parentes – somente teve como companhia um cocheiro que comandava a charrete que a levava. Nesse trajeto, a jovem teve a ilusão de que aquele era somente um dos momentos de muitos em que desfrutaria de total liberdade. É o primeiro aspecto de decadência que Andrea se depara ao chegar a Barcelona, pois o país se encontra inserido em meio ao desenvolvimento industrial do século XX, mas não o disfruta.

Corrí aquella noche en el desvencijado vehículo, por anchas calles vacías y atravesé el corazón de la ciudad lleno de luz a toda hora, como yo quería que estuviese, en un viaje que me pareció corto y que para mí se cargaba de belleza (LAFORET, 2001, p.4).

Além de nos apresentar seus desejos e sonhos que vão à medida de sua descrição entrando em contraste com a realidade cheia de reflexos de pobreza e miséria, nos mostra quão atrasado se tornava o país, mas nem mesmo isso a faz mudar seu pensamento de beleza atribuída à cidade.

E, através da personificação da cidade, atribuindo-lhe um coração que bate em meio àquela aparência “morta” entregue aos seus olhos, há um local “vivo” que a conduzem a este lugar com o intuito de realizar seu sonho de cursar a universidade.

Por meio de metáforas a narradora-protagonista descreve que no edifício da universidade, em meio a destroços, brilha uma luz e ela sente que esta luz seria a representação de que em meio a todo aquele ambiente desorganizado há um ínfimo de esperança que a guia na direção da realização de seus sonhos.

O seu transcurso que, por outrora era demasiado comprido, deu-lhe a impressão de ser agora muito curto, pois logo teve que interromper o seu olhar contemplativo da cidade que, desde sua infância, era adorada em seus sonhos.

Os sonhos de Andrea passam a dar lugar a pesadelos a partir do momento em que é recebida por uma senhora, sua avó, e a jovem nota o ambiente ruinoso da casa:

Lo que estaba delante de mí era un recibidor alumbrado por la única y débil bombilla que quedaba sujeta a uno de los brazos de lámpara, magnífica y sucia de telarañas, que colgaba del techo. Un fondo oscuro de muebles colocados sobre otros como en las mudanzas. Y en primer término la mancha blanquinegra de una viejecita decrepita, en camión, con una toquilla echada sobre los hombros. Quise pensar que me había equivocado de piso, pero aquella infeliz viejecilla conservaba una sonrisa de bondad tan dulce, que tuve la seguridad que era mi abuela (LAFORÉ, 2001, p.4).

Ao adentrar à casa de sua família, na Rua Aribau, Andrea percebeu que o ambiente triste que presenciou na cidade, durante o breve trajeto que fez, estava presente neste lar e nas pessoas que ali viviam. E todas aquelas tristezas estampadas nos rostos daquela gente a sua frente faziam-na sentir quão pesado se encontrava aquele ambiente, principalmente ao ouvir sua avó repetir várias vezes, chorando em seu ombro, a palavra “*pobrecita*”, lhe dava a

impressão do prenúncio do que Andrea viria a passar em sua estadia naquela casa.

En cuanto él me dio unos golpecitos en el hombro y me llamo sobrina, la abuelita me echó los brazos al cuello con los ojos claros llenos de lágrimas y dijo <<pobrecita>> muchas veces.

En toda aquella escena había algo angustioso, y en el piso un calor sofocante como si el aire estuviera estancado y podrido (LAFORET, 2001, p.5).

Andrea se sentia como se estivesse lendo e observando as imagens em um espelho, ou seja, tudo estava em desordem. Sua família aparentava serem como zumbis ou seres das trevas, mortos e sem desejos de continuar sonhando.

Impactada com o cenário que encontra, Andrea sente desejo de tomar um banho, desejo este, que talvez fosse a única forma de livrar-se de todos aqueles olhares que a lhes fazia sentir-se suja, e também de limpar seu corpo e alma da negatividade a qual estava exposta.

Yo estaba cansada y, además, en aquél momento, me sentía espantosamente sucia, aquellas gentes moviéndose y mirándome en un ambiente que la aglomeración de cosas ensombrecía, parecían haberme cargado con todo el hollín del viaje, del que antes me había olvidado. Además, deseaba angustiosamente respirar un aire fresco.

[...]

Quisiera lavarme un poco – dije.

¿Cómo? ¡Habla más fuerte! ¿Lavarte? Los ojos se abrían asombrados sobre mí. Los ojos de Angustias y de todos los demás.

Aquí no hay agua caliente – dijo al fin Angustias.

No importa...

¿Te atreverás a tomar una ducha a estas horas?

Sí – dije –, sí.

[...]

¡Qué alivio el agua helada sobre mi cuerpo! ¡Qué alivio estar fuera de las miradas de aquellos seres originales! (LAFORET, 2001, p. 4-5).

Levada pela primeira impressão sobre sua família, Andrea ao se deitar para dormir, preferiu imaginar que tudo aquilo se tratava apenas de um sonho – ou pesadelo –, e que de fato não tinha nenhuma ligação com seus familiares que visitara em suas férias.

O ambiente no qual serviria de quarto para Andrea a partir daquele momento, lembrava-lhe um cemitério e sua cama se assemelhava a um ataúde: “En el centro, como un túmulo funerario rodeado por dolientes seres – aquella doble fila de sillones destripados –, una cama turca, cubierta por una manta negra, donde yo debía dormir” (LAFORET, 2001, p. 6). Não somente o seu quarto, mas também vários ambientes da casa figuravam ante os olhos de Andrea como bastante desorganizados e assombrosos.

Andrea começa a pensar na visita que fez à aquela casa em sua infância. Nesse regresso ao passado, nós leitores nos damos conta de que há um grande contraste entre um “antes” e um “agora”, delimitado temporalmente pela Guerra Civil Espanhola.

A casa de sua família é apresentada como uma metáfora, um reflexo da degradação que a Espanha vivenciou após o conflito armado:

[...] al morir el abuelo, la familia había decidido quedarse con la mitad del piso. Las viejas chucherías y muebles sobrantes fueron una verdadera avalancha, que los trabajadores encargados de tapiar la puerta de comunicación amontonaron sin miedo unos sobre otros. E ya se quedó la casa en desorden provisional que ellos dejaron (LAFORET, 2001, p.8).

A frase *desorden provisional* presente no parágrafo anterior leva os leitores a fazer referência aos aspectos da guerra que surte esse efeito de desordem nos lugares atingidos por ela, de medo, de morte, de fome, mas de forma provisória, pois, mesmo com muitas sequelas, a população encontra meios para reconstruir o destruído, tentado recriar os aspectos de vida perdido em uma guerra.

Com o passar das horas os pensamentos de Andrea a levam a desenvolver outro raciocínio contrastivo, agora entre “realidade” e “ilusão”: “Aquel iluminado palpitar de las estrellas me trajo en un tropel toda mi ilusión a

través de Barcelona, hasta el momento de entrar en este ambiente de gentes y de muebles endiablados.” (LAFORET, 2001, p.6)

Andrea tinha muitas expectativas em relação a sua ida para uma cidade grande e, por isso, resistiu um pouco a enfrentar a dura realidade que se mostrava diante de seus olhos. Após a primeira noite que passou no seu novo lar, ao se despertar, a jovem quis acreditar que todas as sensações que teve desde a sua chegada não passavam de um sonho. Outra vez vemos evidenciado um jogo, que aqui se conforma entre “sonho” e “realidade”.

Dessa maneira, à luz de Candido (2006), podemos perceber que Andrea é um símbolo utilizado pela autora como representante de várias pessoas que sonham com um mundo melhor, com sua liberdade e independência financeira, e que muitas vezes são massacradas pela realidade.

Antes mesmo de poder tomar o primeiro café da manhã nesta casa, Andrea foi intimada a ir até o quarto de sua tia Angustias. Durante a conversa que teve com ela, Andrea percebeu que sua aspiração de poder desfrutar de plena liberdade em uma cidade grande estava ameaçada pelo convencionalismo presente na família.

O autoritarismo de Angustias fica demonstrado desde o início pela falta de oportunidade que a tia dá para sua sobrinha poder se expressar verbalmente durante esta primeira conversa: “No me dejaba decir nada y yo tragaba sus palabras por sorpresa, sin comprenderlas bien” (LAFORET, 2001, p.8)

O discurso de Angustias encontra-se marcado a reprodução dos valores estabelecidos e defendidos nos anos iniciais do franquismo, sobretudo em relação ao impedimento das mulheres de terem uma vida pública:

[Angustias] -...eres mi sobrina; por lo tanto, una niña de buena familia, modosa, cristiana e inocente. Si yo no me ocupara de ti para todo, tú en Barcelona encontrarías multitud de peligros. Por lo tanto, quiero decirte que no te dejaré dar un paso sin mi permiso (LAFORET, 2001, p. 9).

No fragmento anterior, percebemos um eco do conservadorismo existente naquele momento histórico no que diz respeito à preocupação pela

honra, que nesse contexto significava pertencer a uma “boa família”, “ter um bom comportamento” e ser “católica”.

Diante das regras e repressão impostas, Andrea não entrou em confronto direto com a sua tia, porém de forma sutil encontrava uma maneira de expressar o seu descontentamento: “Creo que pensé que tal vez no me iba a resultar desagradable disgustarla un poco, y la empecé a mirar de reajo” (LAFORET, 2001, p.9).

As saídas de Andrea em companhia de sua tia também se transformaram em um desgosto para ela: “Aquellos recorridos de Barcelona [junto a Angustias] eran tan tristes de lo que se puede imaginar” (LAFORET, 2001, p.11).

Com tantas situações contraditórias, em meio a discussões sem sentido, e resgatando em sua memória lembranças de uma família alegre, Andrea não compreendia como poderia ser possível uma mudança de atitude tão intensa da família que antes parecia mais harmoniosa e agora aparentava ser desorientada e agressiva.

Mil situações e explicações vinham a sua cabeça na tentativa de entender o motivo dessa degradação enraizada naquelas pessoas e naquele ambiente.

A tristeza, que partia de seus parentes e se estendia aos lugares da casa, começava a contagiar a Andrea. Seus sonhos de uma vida feliz na cidade dava lugar a uma frustração diante da impossibilidade de se livrar de uma condição sufocante, que muitas vezes a levava a ter dificuldade para respirar.

Em vários momentos da narrativa, percebemos uma desilusão que é representada inclusive pelas condições climáticas:

¡Cuántos días sin importancia! Los días sin importancia que habían transcurrido desde mi llegada me pesaban encima, cuando arrastraba los pies al volver de la universidad. Me pesaban como una cuadrada piedra gris en el cerebro.

¡Cuántos días inútiles! Días llenos de historias, demasiadas historias turbias. Historias incompletas, apenas iniciadas e hinchadas ya como una vieja madera a la intemperie. Historias demasiado oscuras para mí. Su olor, que era el podrido olor de mi casa, me causaba cierta náusea... Y sin embargo, habían

llegado a constituir el único interés de mi vida. Poco a poco me había ido quedando ante mis propios ojos en un segundo plano de la realidad, abiertos mis sentidos sólo para la vida que bullía en el piso de la calle de Aribau. Me acostumbraba a olvidarme de mi aspecto y de mis sueños. Iba dejando de tener importancia el olor de los meses, las visiones del porvenir y se agigantando cada gesto de Gloria, cada palabra oculta, cada reticencia de Román. El resultado parecía ser aquella inesperada tristeza. (LAFORET, 2001, p.15)

Andrea se mostra desiludida com sua vida em Barcelona, pois não traduzia nada do que antes havia planejado para aqueles momentos. Os dias transcorriam sem mais importância para a jovem. Ela deixou-se dominar pela negatividade das coisas e dos seres que a rodeavam tanto que ela caracteriza por meio de antítese, na qual percebemos, que em seus percursos entre casa e universidade, não encontrava o que esperava daquela cidade. Declara que os dias apesar de ocorrerem neles partes de algo que já houvesse imaginado.

Andrea começa a sentir o peso das angústias que antes não lhe faziam nenhum mal aparente, pois o seus sonhos eram mais fortes que alguns empassos com sua prima no seu povoado de origem, ela sente que naquele ambiente cheio de histórias obscuras com o passar dos dias se torna cada vez mais inútil lutar por algum sonho, como se aquele fosse o único destino de todos os membros da sua família. As frequentes decepções levam Andrea a ficar doente, desenvolvendo um intenso quadro febril.

Esta febre simboliza um amadurecimento da personagem, que se sente imune à opressão, sujeira, peso que aquele lugar junto com seus familiares lhe proporcionava; é o primeiro passo de mudanças de atitudes da protagonista, dando-lhe sensação de bem estar e não mais de empatia.

No sé a qué fueron debidas aquellas fiebres, que pasaron como una ventolera dolorosa, removiendo los rincones de mi espíritu, pero barriendo también sus nubes negras. El caso es que desaparecieron antes de que nadie hubiera pensado en llamar al médico y que al cesar me dejaron una extraña y débil sensación de bienestar. El primer día que pude levantarme tuve la impresión de que al tirar la manta hacia los pies quitaba también de sobre mí aquel ambiente opresivo que me anulaba desde mi llegada a la casa. (LAFORET, 2001, p.20)

A partir desse momento, Andrea não sente mais receio em se mostrar contrária às ordens de sua tia, mal esperava que ela terminasse seu discurso e imediatamente respondia sua tia, com uma atitude diferente da obediência que havia demonstrado outrora. E decide que ninguém mais iria lhe impedir de realizar seus desejos de liberdade de caminhar sozinha pelas ruas:

Luego, la sorpresa y la tristeza de mis primeras impresiones habían dado una gran ventaja a mi tía. <<pero pensé yo excitada, después de esta conversación – este período se acaba.>> Me vi entrar en una vida nueva, en la que dispondría libremente de mis horas y sonreí a Angustias con sorna (LAFORET, 2001, p.20).

Cuando me desperté del todo, sentada en el borde de la cama, me encontré en uno de mis períodos de rebeldía contra Angustias; el más fuerte de todos (LAFORET, 2001, p.35).

Andrea começa a agir como alguns membros de sua família. O egoísmo passa a ser uma de suas características e o pessimismo segue ocupando o espaço de seus sonhos: “Y los tres pensábamos en nosotros mismos sin salir de los límites estrechos de aquella vida” (LAFORET, 2001, p.27).

Logo após a decisão de Angustias de ir para um convento, Andrea acredita que sua luta contra a opressão foi vencida e que seu desejo de liberdade foi alcançado, pois agora poderia passar o tempo que quisesse caminhando pelas ruas de Barcelona sem ter de dar satisfações à sua tia.

No entanto, seu tio Juan tenta transferir para si o encargo de Angustias na educação de Andrea. Juan expõe os tipos de comportamento que uma mulher pertencente à sua família deveria seguir e também por morar em sua casa estaria sobre seus mandos e desmandos, ou seja, queria impor regras à Andrea assim como Angustias fazia antes. No entanto, ela não se sente ameaçada por seu tio e não muda de atitudes para lhe agradar em troca de uma cama para dormir.

El día me había traído el comienzo de una vida nueva; comprendía que Juan había querido estropeármela en lo posible al darme a entender que, si bien se me cedía una cama en la casa, era sólo eso lo que se me daba... (LAFORET, 2001, p.42).

Ao receber uma carta de Ena, sua melhor amiga e colega da universidade, convidando Andrea para ir morar na casa de seus pais em Madri, Andrea volta a sonhar e a planejar seu futuro. As comparações que Andrea outrora fizera do ambiente e das estações do ano com seus desenganos passa a ter um novo olhar cheio de alegria e esperança de um novo recomeço de vida. A rua na qual residia não seria mais fruto de seus desenganos como era até o presente momento, mas sim, uma fase ruim vivida por Andrea por um ano como crescimento pessoal.

El aire de la mañana estimulaba. El suelo aparecía mojado con el rocío de la noche. Antes de entrar en el auto alcé los ojos hacia la casa donde había vivido un año. Los primeros rayos del sol chocaban contra sus ventanas. Unos momentos después, la calle de Aribau y Barcelona entera quedaban detrás de mí (LAFORET, 2001, p.110).

Dessa forma, percebemos uma retomada do início do romance, pois Andrea saiu cheia de esperança do interior, acreditando que seria muito feliz e gozaria de plena liberdade em Barcelona, e agora pensa na ida para Madri como mais uma oportunidade de encontrar essa felicidade e liberdade tão idealizadas.

4.3 A subversão de Andrea ao modelo de conduta feminina imposta na década de 40 na Espanha

Angustias aparentava seguir o modelo de mulher imposto e defendido nos anos iniciais do regime franquista. Nesse momento, foram recuperados valores vinculados a um remoto tempo histórico, ligados a uma Espanha mais tradicional e conservadora. No que diz respeito à conduta feminina, a inspiração se estendia aos séculos XVI e XVII, que são marcados por uma intensa opressão e exclusão social da mulher.

Com o desejo de se mostrar como um exemplo de virtude a ser seguido por todos os membros de sua família, Angustias toma para si a responsabilidade de por ordem na casa.

A chegada de Andrea foi vista por Angustias como uma oportunidade de aumentar o seu domínio sob a família. Ela assume a educação de sua sobrinha e, com isso, sente-se no direito de impor normas que visem uma conduta de Andrea baseada na obediência, na honra e no catolicismo.

Uma mulher honrada e de boa família não poderia ficar exposta sozinha em um ambiente público e o que mais desejava Andrea era andar livremente pelas ruas, sem se preocupar com regras ou horários a cumprir.

Tanto Angustias quanto Juan demonstram surpresa ao perceber que Andrea, ao chegar a Barcelona, percorreu sozinha, pela noite, o percurso entre a estação de trem e a casa da família.

[Juan] – Señor, Señor, ¡qué trastorno! Una criatura así, sola... Oí gruñir a Juan (LAFORET, 2001, p.5).

[Angustias] – ¡Vayas que plantón que me hiciste dar esta mañana, hija!... ¿Cómo me Podía yo imaginar que ibas a llegar de madrugada? (LAFORET, 2001, p. 5).

[Angustias] – La ciudad, hija mía, es un infierno. Y en toda España no hay una ciudad que se parezca más al infierno que Barcelona... Estoy preocupada con que noche vinieras sola desde la estación. Te podía haber pasado algo. Aquí vive la gente aglomerada, en acecho unos contra otros. Toda prudencia en la conducta es poca, pues el diablo reviste tentadoras formas... Una joven en Barcelona debe ser como una fortaleza. ¿Me entiendes? (LAFORET, 2001, p.7).

Com a forte vigilância de Angustias, exigindo informações de todos os passos dados pela sobrinha, para Andrea tem um sabor especial o gozo de sua liberdade quando consegue driblar a sua tia e sair para passear pelas ruas de Barcelona.

Estes conflitos, desencadeados entre Andrea e sua tia, se davam por se tratarem de personagens com desejos totalmente antagônicos, divergentes, por assim dizer, pois Andrea sonhava em alcançar seu sonho de liberdade, representado pelos passeios que gostava de fazer pela cidade que também ofereciam uma paz que ela não encontrava no seio de sua família. Nos fragmentos que seguem podemos observar a tensão gerada entre o desejo de liberdade de Andrea e a repressão de sua tia:

[Angustias] – No me mires así, porque te advierto que sé perfectamente lo que haces cuando yo estoy en mi oficina. Sé que te vas a la calle y vuelves antes de que yo llegue, para que no pueda pillarte. ¿Se puede saber a dónde vas?

[Andrea] – Pues a ningún sitio concreto. Me gusta ver las calles. Ver la ciudad...

[Angustias] – Pero te gusta ir sola, hija mía, como si fueras un golfo. Expuesta a las impertinencias de los hombres. ¿Es que eres una criada, acaso?... A tu edad, a mí no me dejaban ir sola ni a la puerta de la calle. Te advierto que comprendo que es necesario que vayas y vengas de la universidad..., pero de eso a andar por ahí suelta como un perro vagabundo... Cuando estés sola en el mundo haz lo que quieras. Pero ahora tienes una familia, un hogar y un nombre... (LAFORET, 2001, p.20).

Mais uma vez Angustias ressalta a questão da honra familiar. Andrea possui o nome de sua família e, se ela não se comportar dentro das regras impostas, sua postura atingirá outros membros, pois a honra aqui não é individual, senão coletiva, os atos de uma pessoa atingem a todos de uma mesma casa.

Essa divergência de pensamentos entre as duas personagens é bastante perceptível nas relações entre tia e sobrinha, mas Román também dá seu testemunho sobre as tensões entre Angustias e os demais parentes, pois a mesma se baseia no passado e quer que os demais também o façam, só que os seus parentes seguem o curso de mudança e transformação social.

[...] Que nos molestas [Angustias] a todos, que nos recuerda a todos que no somos seres maduros, redondos, parados, como ella; sino aguas ciegas que vamos golpeando, como podemos, la tierra para salir algo inesperado (LAFORET, 2001, p.38).

A principal subversão de Andrea é a de não seguir as normas impostas por seus tios, principalmente por Angustias. A jovem não aceita a submissão e chega, muitas vezes, a agir como uma rebelde, já que desobedece as regras estabelecidas pelos seus familiares que reproduzem os códigos sociais vigentes naquele momento. Portanto, as transgressões de Andrea podem ser consideradas como uma atitude rebelde diante da opressiva sociedade franquista.

4.4. Conflito entre Andrea e seus familiares

Desde sua chegada a Barcelona, Andrea enfrenta problemas com seus parentes maternos, especialmente Angustias, Román e Juan. Cada um deles quer exercer um tipo de poder de influência sobre a jovem.

Angustias tenta exercer sobre Andrea o poder da repressão moral, Román busca exercer o poder psicológico e Juan tenta assumir o lugar de Angustias quando esta vai para um convento.

4.4.1 Andrea e Angustias

O interesse de Angustias era de encontrar em Andrea, uma jovem vinda de uma cidade do interior, uma garota pacata, tímida. A tensão entre elas começa no dia seguinte a sua chegada à Rua de Aribau, na qual em sua primeira conversa Angustias fala a sua sobrinha que não quer que ela seja amiga de Gloria, esposa de seu tio Juan, pois a vê como uma mulher sem caráter e confiança.

– Tu tío Juan se ha casado con una mujer nada conveniente. Una mujer que está estropeando su vida... Andrea; si yo algún día supiera que tú eras amiga de ella, cuenta con que me darías un gran disgusto, con que yo me quedaría muy apenada... (LAFORET, 2001, p.9).

A primeira subversão de Andrea às normas impostas por sua tia foi justamente se aproximar de Glória:

[Gloria] – ¿Vienes, Andrea?

Tía Angustias tenía la cara entre las manos. Sentía su mirada a través de los dedos entreabiertos. Una mirada ansiosa, seca de tanta súplica. Pero yo me levantaba.

[Andrea] – Bueno, sí (LAFORET, 2001, p.11-12).

Andrea não tinha dinheiro para suprir suas necessidades alimentares e muito menos para passear com Ena, ir a restaurantes e sorveterias, pois não

havia como pagar seus gastos. Andrea resolveu presentear sua amiga com um de seus tesouros pessoais: um lenço que havia ganhado em sua primeira comunhão, um “tesouro” que estava em sua família há tempos e que era passada de mãe para filha há gerações. Ao saber do sumiço do lenço entre os pertences de sua sobrinha, Angustias acusou Gloria de tê-lo roubado.

[Gloria] – ¡Andrea! ¡Tú puedes decir que no es verdad! Juan la silla para mirarme.

[Angustias] – ¿Qué va a decir Andrea? – gritó Angustias –; sé muy bien que lo has robado...

[Andrea] – Bueno, ¿pero qué tengo que decir yo? [...] - Pero eso de que me haya quitado el pañuelo no es verdad – dije oprimida por una angustia infantil. [...] – Lo he regalado - dije conteniendo los latidos de mi corazón –. Se lo he regalado a una persona (LAFORET, 2001, p.25).

Andrea não concorda com a atitude de sua tia de julgar as pessoas sem uma prova concreta e garante a Angustias que Gloria era inocente. Este fato fez com que sua tia ficasse constrangida perante a sua família e desaparecesse durante uns dias.

Não demorou muito e Andrea ocupou os aposentos de sua tia. Ao regressar de viagem Angustias percebe que sua sobrinha tinha dormido em seu quarto e isso não lhe agrada.

No dia seguinte chama Andrea para conversar pela última vez e lhe conta que iria para um convento, e explica a sua sobrinha que havia somente dois caminhos para uma mulher naquela sociedade para que não fosse mal interpretada, e que todas as repressões que ela lhe fazia era uma tentativa de abrir os olhos de Andrea para que ela adquirisse atitudes de uma mulher honrosa.

¿Siempre has tenido vocación?

Cuando seas mayor entenderás por qué una mujer no debe andar sola en el mundo.

¿Según tú, una mujer, si no puede casarse, no tiene más remedio que entrar en el convento?

No es ésa mi idea. (Se removi6 inquieta.)

Pero es verdad que sólo hay dos caminos para la mujer. Dos únicos caminos honrosos... Yo he escogido el mío, y estoy orgullosa de ello. He procedido como una hija de mi familia debía hacer. Como tu madre hubiera hecho en mi caso. Y Dios sabrá entender mi sacrificio (LAFORET, 2001, p.36).

Nessa conversa, Angustias explica a sua sobrinha o motivo de tanta repressão sobre ela, pois se tratava da tentativa de preservar o nome da família, já que para Angustias isso representava muito, e quão desenganada foi pelas atitudes rebeldes de Andrea a não ouvir-lhe e por não seguir seus preceitos. Transfere a razão de sua ida para o convento por ter se frustrado por última vez com o desejo de ordem para com os membros da família.

Dios te perdone el disgusto que me das... Pareces un cuervo sobre mis ojos... Un cuervo que me quisiera heredar en vida. (LAFORET, 2001, p.35)

Todos estos días he pensado en ti... Hubo un tiempo (cuando llegaste) en que me pareció que mi obligación era hacerte de madre. Quedarme a tu lado, protegerte. Tú me has fallado, me has decepcionado. Creí encontrar una huerfanita ansiosa de cariño y he visto un demonio de rebeldía, un ser que se ponía rígido si yo lo acariciaba. Tú has sido mi última ilusión y mi último engaño, hija. Sólo me resta rezar por ti, que ¡bien lo necesitas!, ¡bien lo necesitas! (LAFORET, 2001, p.36).

Os desencontros entre os ideais da tia e os de Andrea foram tantos que provocaram em Angustias um sentimento de revolta e tristeza; ela não mediu as palavras ao falar para sua sobrinha quanto estava chateada com a situação que elas haviam estabelecido.

Angustias como ícone dessa “*espanholidad*”, entendida como mulher religiosa e de honra, entra em contradição com suas atitudes em relação as demais personagens presentes na narrativa ou simplesmente mencionadas como alusão aos atos de Angustias na igreja e a seus passeios nas ruas observando o comportamento de todas as mulheres, julgando-os como errados. Deixava de se preocupar com sua própria conduta para se preocupar com o comportamento das demais pessoas: “Yo no estaba decepcionada, sino sorprendida, pues a todos los oficios religiosos, Angustias me hacía ir con ella y le gustaba vigilar y criticar me devoción” (LAFORET, 2001, p. 25).

Para Angustias, todas as mulheres deveriam seguir o padrão de conduta feminino que vigorava naquela época, também tinha ilusão de que colégios religiosos formariam alunos que fossem obedientes e submissos à ordem estabelecida, o que não ocorreu com Andrea, que estudou em uma instituição católica quando era mais jovem.

Com sua preocupação nos procedimentos cristãos das demais mulheres da sociedade, acaba dando um contra testemunho sobre sua religiosidade, desejando a morte das que não estivessem dentro dos padrões considerados por ela como corretos.

[Angustias] – Parece que hayas vivido suelta en zona roja y no en un convento de monjas durante la guerra (LAFORET, 2001, p.37).

[Angustias] – ¡Si te hubiera cogido más pequeña, te habría matado a palos! (LAFORET, 2001, p.37).

[Angustias] – Durante quince días he estado pidiendo a Dios tu muerte... o el milagro de tu salvación (LAFORET, 2001, p.37).

Ao se dar conta de que sua sobrinha não mudaria as suas atitudes, Angustias a compara a Gloria. Sendo que, nas palavras de sua tia, Andrea se tornava pior em relação à Gloria, pois ela viveu e foi educada em uma realidade diferente de Andrea: as ruas, e Andrea no colégio, porém Angustia diz que Andrea é mais teimosa e rebelde que Gloria, “[Angustias] – Aun Gloria tiene más disculpas que tú en sus ansias de emancipación y desorden. Ella es una golfilla de la calle, mientras que tú has recibido una educación...” (LAFORET, 2001, p.37).

A angústia de Angustias em relação à sua sobrinha não tem a ver com o fato de Andrea querer conhecer Barcelona, senão por ela querer andar sozinha pelas ruas, preterindo a companhia de sua tia: “[...] y no te disculpes con tu curiosidad de conocer Barcelona. Barcelona te la he enseñado” (LAFORET, 2001, p.37).

Ela não aceitava a ideia de não conseguir exercer seu papel de educadora e de símbolo masculino adotado após a morte de seu pai, pois mesmo que quisesse ser imitada ela se mostrava avessa ao estilo de vida que ela mesma mostrava através das palavras e desconstruía por meio de suas

ações. Como Andrea foi sua última tentativa dessa imposição antes de seguir ao convento por não aguentar mais ser motivo de chacotas em sua família e por ter em mente um fundamentalismo sobre a honra da mulher, transfere a Andrea à culpa de seguir para reclusão religiosa.

4.4.2 Andrea e Román

Com relação à Román, Andrea vivenciou uma disputa mais psicológica do que física, pois seu tio sabia como seduzir, envolver e manipular as pessoas e deixá-las a sua mercê, para que ele pudesse desfrutar da influência que possuía sob cada membro de sua família.

Nos primeiros contatos com seu tio, Andrea sente simpatia por Román, pois o percebia como um ser totalmente diferente dos encontrados por ela naquela casa. Andrea descobriu que ela e seu tio possuíam gostos parecidos, como a arte e música, que os aproximavam.

Em seu primeiro contato com Román, Andrea ao observá-lo, mas também por ter sido o único na casa que a recebeu afetuosamente, fato que contribui essa aproximação, percebia nele um que de diferencial em relação aos demais membros daquela casa; sentia nele um controle emocional que faltava a seu outro tio Juan e, também que ele a entendia e não a reprimia como sua tia Angustias: “Yo misma me sentí alcanzada por una ola de agrado ante su exuberancia afectuosa, afecto instintivo” (LAFORET, 2001, p.9).

No entanto, após Angustias acusar Gloria do referido furto do lenço, Andrea descobriu que foi o Román o culpado pela grande confusão, pois fora ele quem levou Angustia a acusar Gloria indevidamente, falando-lhe sobre o desaparecimento do lenço dos pertences de Andrea.

Ao tomar ciência do papel de Román nesta intriga, Andrea fica decepcionada com a atitude de seu tio, portanto o rotula como um ser igual aos demais da casa: desequilibrado, que sente prazer nos conflitos ali desencadeados, mesmo possuindo distinção entre os demais, a habilidade para as artes.

Él, Román, más mezquino, más cogido que nadie en las minúsculas raíces de lo cotidiano. Chupada su vida, sus

facultades, su arte, por la pasión de aquella efervescencia de la casa. Él, Román, capaz de fisgar en mis maletas y de inventar mentiras y enredos contra un ser a quien afectaba despreciar hasta la ignorancia absoluta de su existencia. Así acabó para mí aquel día de Navidad, helada en mi cuarto y pensando estas cosas (LAFORET, 2001, p.27).

Após o episodio do lenço, Andrea não sente mais vontade de disfrutar da companhia de seu tio como nos primeiros meses após sua chegada à Rua de Aribau, e passa a evitá-lo:

[Román] – Precisamente tenía yo muchas ganas de charlar esta tarde contigo, pequeña. Tengo arriba un café buenísimo y quería invitarte a una taza. Tengo también cigarrillos y unos bombones que compré ayer pensando en ti... Y... ¿bien? — dijo al terminar, en vista de que yo no contestaba.

[...]

[Andrea] – No, Román gracias. Esta tarde quiero estudiar.

[...]

No es verdad que tengas ganas de estudiar, Andrea... ¡Anda! — dijo acercándose rápidamente hacia mí y cogiéndome del brazo —. ¡Vamos!

Me sentí rígida y empecé a despegar sus dedos de mi brazo. Hoy, no..., gracias (LAFORET, 2001, p.30).

Passado um tempo, Andrea resolve subir até o quarto de Román, e os dois tem uma conversa não muito agradável, nesta ocasião ela desabafa o que já estava guardado há alguns dias após descobrir que seu tio a espionava.

– Pero tú, Román, te vas al diablo también detrás de esa gente a la que despides... Nunca he hecho tanto caso yo de la gente como tú, ni he tenido tanta curiosidad de sus asuntos íntimos... Ni registro sus cajones, ni me importa lo que tienen en sus maletas los demás (LAFORET, 2001, p.31).

Román percebe as fugidas de sua sobrinha para evitá-lo, e fica enfurecido por descobrir o verdadeiro motivo de tanta rebeldia por parte de Andrea.

– ¡Ah! ¿Con que es eso lo que motivaba las huidas de estos días?

– Mira — cambió de tono —, no te metas en lo que no puedas comprender, mujer... no sabrías entenderme si te explicara mis

acciones. Y, por lo demás, no he soñado en darte a ti explicaciones de mis actos (LAFORET, 2001, p.31).

Mas Andrea lhe contesta que não dá a mínima para suas explicações sobre suas andanças e assuntos, e lhe responde friamente: “Yo no te las pido”. (LAFORET, 2001, p.31)

Aquela conversa fez Andrea perceber o quanto seu tio estava transtornado com aquela situação de não poder mais encantar a sua sobrinha.

Aquella tarde me pareció Román trastornado. Por primera vez tuve frente a él la misma sensación de desequilibrio que me hacía siempre tan desagradable la permanencia junto a Juan (LAFORET, 2001, p.31).

Após aquela conversa com Román, Andrea passou a evitá-lo ainda mais, os encontros com ele eram sempre casuais, ela sequer subia ao seu quarto para ouvir música como antes o fazia e adorava.

4.4.3 Andrea e Juan

Desde sua chegada à casa de seus parentes, Andrea não teve uma boa impressão de seu tio Juan, por achá-lo desequilibrado. Embora Juan estivesse presente mais tempo em casa do que Román, Andrea esteve, durante um período, muito mais próxima deste do que daquele.

Seus desencontros com Juan se deu quando Angustias vai para o convento e Andrea ocupa os aposentos de sua tia. Juan tenta assumir o posto de sua irmã nas lições de moral que dá a Andrea.

Na mesma noite da partida de Angustias, Andrea tinha decidido não fazer mais as refeições com sua família, com objetivo de prologar mais seus passeios por Barcelona, mas também de não presenciar a reunião de todos aqueles seres monstruosos e transtornados aos olhos dela. Por essa razão iria contribuir com seu pão matutino. Antes mesmo de avisar sobre sua decisão a sua família, Juan lhe disse que não iria sustentá-la.

[Juan] – Y a ver, sobrina, con lo que tú contribuyes a la casa..., porque yo, la verdad te digo, no estoy para mantener a nadie...

[Andrea] – No, lo que yo puedo dar es tan poco que no valdría la pena –dije, diplomática–. Ya me las arreglaré comiendo por mi cuenta. Sólo pagaré mi racionamiento de pan y mi habitación.

Juan se encogió de hombros.

[Juan] – Haz lo que quieras - dijo de mal humor.

La abuelita escuchó moviendo la cabeza con aire de reprobación, pendiente de los labios de Juan. Luego empezó a llorar. – No, no, que no pague la habitación..., que mi nieta no pague la habitación en casa de su abuela.

Pero así quedó decidido. Yo no tendría que pagar más que mi pan diario (LAFORET, 2001, p.42).

Andrea se deparava a todo instante com uma tia ou tio que tentava impedir o gozo de sua liberdade. Mas ela se mostrava disposta a rebelar-se contra cada um deles a fim de lograr sua liberdade na cidade tão sonhada por ela.

Podemos perceber que as situações-conflitos vivenciadas por Andrea a tornaram mais consciente, entre os sonhos e ilusões, de que cada ser daquela história tinha outro comportamento antes da guerra Civil Espanhola e as dificuldades sofridas para manterem-se, pelo menos vivos, alteraram seus modos de ser e viver, pois a guerra e o pós-guerra deixaram como saldo uma miséria não somente na esfera financeira, mas também no âmbito humano.

A nossa personagem percebe que conseguir disfrutar dos sonhos de liberdade torna-se mais difícil por ela ser uma mulher e também, principalmente, por ser de uma família empobrecida. Recebe restrições de todos os seus parentes para aparentar uma moral que eles não conseguem demonstrar.

Considerações finais

Neste trabalho aspiramos realizar um estudo acerca da personagem Andrea, protagonista e narradora do romance “Nada”, da escritora espanhola Carmen Laforet, em torno do seguinte eixo temático: a transgressão aos valores familiares e sociais como autoconstrução.

Para logarmos o objetivo de analisar os fatores que levaram a autoconstrução da protagonista e de sua feminilidade em contraste com os valores impostos pela sociedade e, principalmente, por membros de sua família, fizemos um breve recorrido histórico que serviu de apoio na análise da obra, e que configurou a personagem como diferente em relação às demais personagens femininas presentes no mesmo romance.

Dentro do aspecto histórico que circunda e norteia a elaboração do romance e da construção da personagem, nos deparamos com a repressão sofrida por todas as mulheres que viviam neste contexto, sendo uma das formas de frear o desenvolvimento e progresso alcançados pelas mulheres na II República, e de impor maneiras de condutas para as mulheres na era franquista.

Dentre as normas defendidas pela sociedade espanhola franquista algumas eram relativas à preservação da honra e da religiosidade, valores bastante difundidos no século XVII.

Nesse contexto, o ser mais atingido é a mulher que figura como a representante dessa honra, mas também como educadora/auxiliadora e reprodutora desses valores para seus filhos. Para tal efeito todas deveriam casar-se e dedicarem-se ao seu lar. Mas pelo fato de a sociedade estar vivendo uma crise econômica de miséria, e por metade, ou mais da metade da população masculina que serviria para tal feito, ter sido dizimada pela guerra, parecia bastante contraditório para muitas mulheres seguir os preceitos ditados pela sociedade de não trabalhar.

Essa divergência entre a Espanha almejada e a verdadeira Espanha foi cenário para muitos autores como Unamuno e outros representarem em suas

obras que se deveria pensar em uma política de valores diferentes aos escolhidos.

Se o ato de escrever nessa época de tanta censura estava muito seletivo em autores masculinos para representarem seu país, imagine então aparecerem escritos femininos que não fossem apenas romances que iludissem as mulheres na idealização de seu casamento e ser a heroína de seu lar na educação da família.

Esse aspecto de repressão nos chama a atenção para se empreitar o estudo acerca de como a mulher se encontra representada nas literaturas, e por quem são construídas dentro de cada obra; que visões as personagens femininas tem de seu mundo.

Partindo da premissa de subversão relativa à protagonista de “Nada” e alicerçado pelos estudos de Candido (1985) e de Brait (1985) sobre a construção das personagens, podemos chegar a uma conclusão, dentro dos aspectos linguísticos, que Laforet cria uma personagem que representa literariamente muitas mulheres que não seguem os padrões da sociedade.

Também baseados nos estudos realizados por Candido (2006) sobre a relação entre literatura e sociedade, percebemos que muitas vezes esta representa por meio de sua construção linguística aspecto exterior a obra e que são resgatados pelo/a autor/a em sua elaboração.

No estudo empreendido, procuramos analisar em quais aspectos a personagem agia de modo subversivo dentro do romance, amparados pela história das evoluções da humanidade através de revoluções, o papel do gênero feminino dentro de cada momento histórico. Constatamos que muitas ainda se encontravam dentro de padrões ortodoxos religiosos de uma sociedade patriarcal.

Como tais valores difundidos na sociedade não condiziam com a verdadeira realidade na qual as personagens viviam, pois não havia homens suficientes em tempo de casar, também com o aumento da fome e o racionamento de comida, muitas mulheres deveriam assumir esse papel masculino de trabalhar e sustentar a casa, fato que era mal visto pela própria sociedade que as levavam a isso.

Vimos que a autora descreve muitos aspectos de uma sociedade que vive dentro de um caos reconstutivo, no qual todos os valores exacerbados também entram em contradições por não traduzirem os reflexos entre a realidade e o que se espera dos indivíduos através da descrição dos ambientes da cidade barcelonesa, e da maioria das famílias no contexto de pós-guerra. Por essa razão a personagem se mostra rebelde a esses valores.

Referências bibliográficas

ABRAÃO, Janete. *Espanha: política e cultural*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

AIRES, Eliane Gabriel. A mulher e a literatura: o poder da palavra. *In: Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Disponível em: <http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/eliana_gabriel.pdf>. Acesso em 6 mar. 2013.

ALVARÉZ, Bajo Fe; PECHARROMÁN, Julio Gil. *Historia de España*. Madrid: SGEL, 2005.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. Ática: São Paulo, 1985. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsoucer>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales (Orgs.). *A personagem de ficção*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1970. Disponível em: <<http://groups.google.com/group/digitalsoucer>>. Acesso em: 6 nov. 2012.

CARNEIRO, Marina Braga. *A guerra civil espanhola: lembranças e esquecimentos*. Disponível em: http://www.historia.ufpr.br/monografias/2010/1_sem_2010/marina_braga_carneiro.pdf>. Acesso em: 24 set. 2012.

CURSO 2011-2012. Introducción: objetivos, contenidos y criterios de evaluación. Disponível em: <http://ieselaza.educa.aragon.es/DepartamentoGH/Apuntes/HISTORIA_ESPAÑA/Historia2bto_Capitulo7.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2013.

FUENTES, José Manuel Díez. *República y primer franquismo: la mujer española entre el esplendor y la miseria, 1930-1950*. Universidad de Alicante. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/5845/1/ALT_03_03.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2012.

GAITE, Carmen Martín. *Usos amorosos de postguerra española*. Barcelona: Anagrama, 1987.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Ática: São Paulo, 2002.

Historia de España (segundo curso de bachillerato LOE). Curso 2011-2012. Introducción: objetivos, contenidos y criterios de evaluación. Disponível em: <http://ieselaza.educa.aragon.es/DepartamentoGH/Apuntes/HISTORIA_ESPAÑA/Historia2bto_Capitulo6.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2012.

KARAM, Henriete. CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. *et al.* (Orgs.) *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

LAFORET, Carmen. *Nada*. Madrid: BIBLIOTEX, 2001.

LAZO, Cristal Recchia Jatkoske. Escrita feminina, escrita de autoria feminina: Helena Morley e Lygia Fagundes Telles. In. *Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura*, realizados em outubro de 2007, na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/Bahia. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/CRISTAL%20RECCHIA%20JATKOSKE%20LAZO.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

LEÓN, Fray Luis de. *La perfecta casada*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999

MARCUSCHI, Luís Antonio. *Oralidade e escrita: uma ou duas visões de mundo?* Conferência pronunciada na 12º COLE, Campinas: São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/linhadagua/article/download/190/196>>. Acesso em: 05 agos. 2012.

MAZZONI, Vanilda Salignac. A escrita feminina – em busca de uma teoria. In. *Humanidades em Revista*. Número 1 – 2010.1. Publicação Eletrônica da Faculdade São Bento da Bahia. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/humanidadesemrevista>>. Acesso em: 17 agos. 2012.

MAZZONI, Vanilda Salignac. *A voz dissonante de Ilhéus: Elvira Foeppe*. Disponível em: <itaporanga.net/genero/gt2/1.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2013.

MILLARES, Sergio. *España en siglo XX*. Madrid: Ednumen, 1998.

NADER, Maria Beatriz. Mulher: do destino biológico ao destino social. São Paulo: EDUFES. *La mujer bajo el franquismo*. Disponível em: <<http://mayores.uji.es/proyectos/proyectos/lamujerbajofranquismo.pdf>>. Acesso: 27 mai. 2013.

OLIVEIRA, Filipe da Silva. *Literatura de autoria feminina*. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_8419/artigo_sobre_literatura_de_autoria_feminina>. Acesso: 22 jul. 2012.

PASSOS, Lucas. *Literatura (d)e autoria feminina: questões introdutórias*. (2012). Disponível em:

<<http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/10/08/literatura-de-autoria-feminina-questoes-introductorias>>. Acesso em: 03 agos. 2012.

PRASS, Tamiris Slongo. O conto feminino contemporâneo no Brasil: representações do feminino. *In: Revista Signos*. Unifra/RS, 2010. Vol. 31, No. 2. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/161/113>>. Acesso em: 08 mar. 2012.

RODRIGUES, Cáceres; PEDRAZA, Milagro Jiménez; FELIPE B. *Las Épocas de la literatura Española*. Barcelona: Ariel, 1997.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi. A escritura feminina: Uma contribuição para a História da Literatura. *Anais do IX Seminário de História da Literatura*. PUC/RS, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/93.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2012.

SHUCK, Naiara Cristina. Literatura de escritura femenina. *In: Revista Borradores*. Vol. VII e IX, 2008. Disponível em: <<http://www.unrc.edu.ar/publicar/borradores/Vol8-9/pdf/Literatura%20de%20escritura%20femenina.pdf>>. Acesso em : 20 agos. 2012.

TECGLEN, Eduardo Haro. La España del desembarco: Así éramos, Años 40. *In: El País*, Madrid, p. 78-100, jun. 1994. Suplemento. Disponível em: <<http://vespito.net/historia/franco/40ft.html>>. Acesso em: 24 agos. 2012.

TV Escola. PCN na escola - língua portuguesa – programa 16 - *O texto literário*. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=12327>. Acesso em: 23 jun. 2013.

_____. PCN na escola - língua portuguesa - programa 17 - Narrativas e narradores. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=12328>. Acesso em: 23 jun. 2013.

_____. PCN na escola - língua portuguesa - programa 18 - Componentes da narrativa: a personagem. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=12329>. Acesso em: 23 jun. 2013.

ZINANI, Jeanine Albert. Crítica Feminista: Uma contribuição para história da literatura. *Anais do IX Seminário de História da Literatura*. PUC/RS, 2012. Disponível em: Disponível em:

<<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.